



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA UFC/UNILAB

**PROJETO PEDAGÓGICO DO MESTRADO ACADÊMICO EM ANTROPOLOGIA
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA UFC/UNILAB**

**REDENÇÃO-CE, 2021
FORTALEZA-CE, 2021**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFROBRASILEIRA
(UNILAB)**

UNIVERSIDADE FERAL DO CEARÁ (UFC)

PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA UFC/UNILAB

Ministro da Educação

Milton Ribeiro

Reitor (UNILAB)

Roque do Nascimento Albuquerque

Vice-Reitora (UNILAB)

Cláudia Ramos Carioca

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação (UNILAB)

José Olavo da Silva Garantizado Jr.

Diretor do Instituto de Humanidades (UNILAB)

Carlos Henrique Lopes Pinheiro

Reitor (UFC)

José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque

Vice-Reitor (UFC)

José Glauco Lobo Filho

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação (UFC)

Jorge Herbert Soares de Lira

Diretor do Centro de Humanidades (UFC)

Cícero Anastácio Araújo de Miranda

Coordenador Geral do Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia UFC/UNILAB

Rafael Antunes Almeida

**Vice-Coordenador Geral do Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia
UFC/UNILAB**

Rhuan Carlos dos Santos Lopes

Coordenador Local do Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia UFC/UNILAB

Antonio George Lopes Paulino

**Vice-Coordenador Local do Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia
UFC/UNILAB**

Martinho Tota Filho Rocha de Araújo

SUMÁRIO

1. Identificação do Programa/Curso.....	4
2. Identificação das Instituições.....	4
3. Contextualização e Histórico do Programa/curso.....	5
3.1. Contextualização	5
3.2. Histórico do curso	10
4. Objetivos e missão do programa.....	14
5. Perfil do egresso.....	14
6. Área de concentração e linhas de pesquisa.....	15
7. O copo docente.....	16
8. Organização administrativa do Programa.....	17
9. Oferta de vagas.....	18
10. Periodicidade da seleção programada.....	18
11. Descrição sintética do sistema de oferta do curso.....	18
12. Proposta curricular.....	20
12.1 Ementas das disciplinas e atividades.....	21
13. Infraestrutura.....	46
13.1 Recursos de informática e sistema de gestão do curso.....	48
13.2 Laboratórios.....	48
13.3 Bibliotecas.....	51
14. Acompanhamento de egressos.....	52
15. Autoavaliação.....	53
16. Planejamento estratégico.....	54
17. Informações adicionais.....	55
18. Referências consultadas	55

1. Identificação do Programa/Curso

Nível: Mestrado Acadêmico

Grande Área: Ciências Humanas

Área Básica: Antropologia

Modalidade: Presencial

Situação do curso: Em funcionamento

Início das atividades: 2017/2 – 16/08/2017

Data da aprovação da proposta: 07/12/2016

Tem Graduação na área ou em área afim: Sim

Curso em Associação: Sim

IES:

Universidade Federal do Ceará e

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira

Endereço de funcionamento:

Na UNILAB - Rua José Franco de Oliveira, S/N-CEP: 62790-978 – Redenção – CE – Brasil.

Bloco A, Campus das Auroras. Sala da Coordenação do Mestrado em Antropologia

Na UFC - Departamento de Ciências Sociais, 2º andar - Av. da Universidade, 2853 - Centro de Humanidades Área 3 - Benfica - Fortaleza

Telefone: +55 (85) 3332-6192 (Secretaria Geral) / ppga@unilab.edu.br

Histórico da aprovação do curso: A criação do curso de Mestrado em Antropologia foi aprovada no Conselho Universitário da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira pela Resolução nº5/2016, de 29 de abril de 2016.

2. Identificação das Instituições

Universidade Federal do Ceará

CNPJ: 07.272.636/0001- 31

Nome da IES: Universidade Federal do Ceará

Sigla da IES: UFC

Status Jurídico: Autarquia Federal de Regime Especial

Site: www.ufc.br

Endereço: Avenida da Universidade, nº 2853 - Bairro Benfica

CEP: 60020-181

Logradouro: Avenida

Cidade: Fortaleza

Estado: Ceará

Telefone/fax: (85) 3366 7301 / 3366 7302 - FAX: (85) 3366 7303

Email institucional: reitor@ufc.br

Nome dirigente máximo: prof. Dr. José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque

Email dirigente máximo: reitor@ufc.br

Nome pró-reitor: prof. Dr. Jorge Herbert Soares de Lira

Email pró-reitor: prposufc@ufc.br

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

CNPJ: 12.397.930/0001-00

Nome da IES: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Sigla da IES: UNILAB
Status Jurídico: Autarquia Federal de Regime Especial
Site: <http://www.unilab.edu.br>
Endereço: Abolição, n. 3, Centro CEP: 62.790-000
Logradouro: Avenida
Cidade: Redenção
Estado: Ceará
Telefone: (85) 3332.1414 - FAX: (85) 3332.1482
Email institucional: gabinete@unilab.edu.br
Nome dirigente máximo: Prof. Dr. Roque do Nascimento Albuquerque
Email dirigente máximo: gabinete.reitoria@unilab.edu.br
Nome pró-reitor: José Olavo da Silva Garantizado Jr
Email pró-reitor: proppg@unilab.edu.br
Telefone: (085) 3332-6197

3. Contextualização e Histórico do Programa/curso

3.1 Contextualização

A constituição do Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) vem convenientemente atender ao que alguns autores (Mota e Brandão, 2004:163)¹ têm denominando de “transbordamento do campo disciplinar” da antropologia, traduzido numa demanda cada vez mais crescente por profissionais da antropologia em âmbito acadêmico e em espaços institucionais externos à academia. Tal demanda caminha não apenas em direção a outras áreas de conhecimento - saúde pública, administração de empresas, direito, psicologia, desenvolvimento urbano, comunicação, etc -, mas é também solicitada por institutos (públicos e privados) de pesquisas, organizações não governamentais e órgãos governamentais (IPHAN, INCRA, FUNAI, FUNASA, MP, MDS, Ministério da Saúde).

O Programa, voltado para o fortalecimento e ampliação da eficácia e alcance do conhecimento antropológico, no sentido de atender às demandas regionais relativas à distintas esferas do mundo social (saúde, educação, meio ambiente, mediação de conflitos étnicos, políticas sexuais, de gênero e de geração, patrimônio, imagem, memória e gestão de políticas públicas), pretende capacitar profissionais capazes de responder, de forma ética e responsável, às problemáticas do presente, alargando o horizonte teórico e prático da disciplina no estado do Ceará e na região. O curso pretende assim cobrir campos clássicos e contemporâneos da disciplina, com ênfase em duas linhas de pesquisas: “Narrativas, simbolismos e emoções” e “Diferença, poder e epistemologias”. Essas linhas de pesquisas permitem contemplar a demanda localizada no estado, nas esferas do ensino, pesquisa e extensão. Vale destacar, desde já, que o PPGA da UFC/UNILAB pretende atender ao grande contingente de alunos/as egressos

¹ Antônio MOTA e Maria do Carmo BRANDÃO. “O campo da antropologia e suas margens: a pesquisa e sua disseminação em diferentes instituições de ensino superior no Nordeste”. In: Wilson Trajano FILHO e Gustavo Lins Ribeiro. (orgs). O Campo da antropologia no Brasil. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/ABA. 2004. p. 163.

dos vários cursos de graduação em Ciências Sociais no estado do Ceará² que, pela falta de uma pós-graduação em antropologia ou pela impossibilidade de deslocamento para outros estados, optavam pelas pós-graduações em cursos mistos ou de sociologia, o que, segundo nossa percepção, gerava distorções na carreira de estudantes e profissionais com vocação antropológica, com prejuízo para sua experiência formativa e subsequente inserção profissional. O estado do Ceará também apresenta uma grande demanda no que se refere à atuação de antropólogos e antropólogas nas questões vinculadas aos relatórios e laudos antropológicos sobre comunidades e/ou grupos indígenas, quilombolas e de sexualidades dissidentes, populações com as quais a antropologia sempre manteve incontestável compromisso ético.

A proposta original de uma iniciativa interinstitucional de criação de um Programa de Pós-graduação em Antropologia nasceu do esforço conjunto de docentes de duas universidades locais, a UFC e a UNILAB, que possuem interesses de pesquisa e de atuação convergentes. Se o desejo de constituição de um PPG em antropologia sempre foi presente, por parte dos docentes do Departamento de Ciências Sociais da UFC, criado nos idos de 1966 (pós extinção do Instituto de Antropologia e quando ainda era denominado de Departamento de Ciências Sociais e Filosofia), o encontro e as afinidades de interesses com os/as colegas da então recém-criada e transnacional UNILAB veio reforçar o ímpeto colaborativo em torno da realização de um empreendimento imprescindível para o estado do Ceará.

As afinidades entre ambas as universidades, geograficamente próximas entre si (aproximadamente 63 quilômetros), puderam ser melhor circunscritas no momento da organização coletiva da décima terceira edição da Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste, juntamente com a quarta edição da Reunião Equatorial de antropologia, realizada no Ceará, entre os dias 04 e 07 de agosto de 2013, pela UFC, UNILAB e a Universidade Estadual do Ceará, em torno da temática “Saberes locais e experiências transnacionais: interfaces do fazer antropológico”. Esse momento foi particularmente importante para que os/as colegas de ambas as universidades afinassem interesses e afiliações mútuas entre seus diversos laboratórios e núcleos de pesquisa, buscassem possibilidades de parcerias em publicações nacionais e internacionais, bem como mobilizassem esforços para a organização coletiva de eventos empenhados na difusão do conhecimento antropológico.

O traçado internacional de ambas as universidades compõe uma das marcas distintivas de nosso PPGA. Se, por um lado, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira (UNILAB) se orienta para o ensino e produção de conhecimento em um constante diálogo com os países africanos parceiros, bem como o Timor-Leste, por outro, a Universidade Federal do Ceará (UFC), ao longo dos seus 67 anos de existência e por meio de vários acordos Capes/Cofecub³, possibilitou um intenso

² As principais universidades do Estado do Ceará (Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Universidade Estadual do Ceará (UECE) e a Universidade Estadual Vale do Acaraú (UeVA) acolhem aproximadamente 290 alunos/as em seus cursos de Ciências Sociais

³ Os acordos Capes/Cofecub entre a Universidade Federal do Ceará e as Universidades Lyon e École des Hautes Études em Sciences Sociales, de Paris, possibilitaram mais de quatro décadas de troca científico-cultural entre o Brasil e França. As renovações sucessivas desses acordos viabilizaram tanto experiências

intercâmbio com antropólogos de outras nacionalidades. O corpo docente de ambas as universidades, cômico de seu potencial de internacionalização da disciplina, é proveniente de várias regiões do Brasil e exterior, unidos pelo princípio de reconhecimento e respeito à diversidade étnico-racial, religiosa, cultural e de gênero. Vale destacar, ainda, que no geral o estado do Ceará enfrenta uma diversidade de problemas sociais, econômicos, políticos e culturais, com fortes processos migratórios na área rural e crescimento desordenado das áreas urbanas. Na zona costeira, por exemplo, a elevada concentração fundiária e a ocupação de terras pelos agricultores sem terras leva ao surgimento de vários conflitos. A especulação imobiliária e o crescimento dos projetos de desenvolvimento na região, avançam sobre áreas habitadas por contingentes populacionais formados por pescadores, pequenos agricultores, remanescentes de quilombos e povos indígenas do Ceará, o que tem criado também demanda por profissionais da área de antropologia por parte de diversas instituições públicas, nos âmbitos federal, estadual e municipal, bem como por parte de Organizações Não Governamentais.

No caso específico da UFC, tem-se como marca de sua atuação, ao longo dos 67 anos de sua existência, o compromisso com o desenvolvimento do estado do Ceará, do ponto de vista científico, tecnológico e humano, com o objetivo de contribuir para o crescimento econômico, social e cultural da região Nordeste do país. Esse compromisso fica claro por sua presença em quatro sub-regiões do estado, por meio de seus campi no interior: Sobral, Quixadá, Crateús e Russas. A consolidação do Mestrado Acadêmico em Antropologia está, portanto, estreitamente vinculada ao lema da UFC “O universal pelo regional”, bem como à missão de ser uma instituição estratégica para o desenvolvimento do estado do Ceará, da região Nordeste e do país; e, ainda, ao compromisso institucional de busca de soluções para os problemas locais, sem esquecer o caráter universal de sua produção. Estruturada em 07 (sete) campi (três na capital, Fortaleza, e 04 (quatro) no interior, a UFC conta com 1955 docentes e 3.439 técnicos administrativos; são 17 as suas bibliotecas setoriais que formam um acervo de mais de 186 mil títulos. Os cursos de graduação são 103 com 20.958 alunos; na especialização são 48 cursos, no mestrado 67 e no doutorado 43 cursos, totalizando cerca de sete mil alunos na sua Pós-Graduação. Tudo isto faz com que a UFC tenha hoje praticamente todas as áreas do conhecimento representadas em seus Campi.

Ademais, e para muito além de um traçado transnacional distintivo de nosso PPGA, um dos elementos motivadores da criação do Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia foi o de se criar um espaço privilegiado para a qualificação de professores

formativas de antropólogos/as locais, quanto as bases de uma reflexão comparada sobre patrimônio cultural, memória, religião, imagens, mitos e narrativas que tornam inteligíveis os imaginários sociais urbanos nas cidades de Lyon, Paris, Fortaleza e, mais recentemente, Portugal. Os resultados mais recentes desses intercâmbios podem ser acompanhados na coletânea “Usages Sociaux de la Mémoire et de L’imaginaire au Brésil et em France” (Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2001, com textos reunidos por Jean-Baptiste MARTIN), na coletânea “Imaginários Sociais em Movimento: oralidade e escrita em contextos multiculturais” (Fortaleza: Pontes Editores e Edições UFC e Lyon: Universidade de Lyon 2, 2006, organizada por Julia MIRANDA, Ismael PORDEUS e François LAPLANTINE) ou ainda, na coletânea “França e Brasil: olhares cruzados sobre imaginários e práticas culturais” (São Paulo: Annablume, 2012, organizada por Alexandre VALE) e publicada a partir do colóquio homônimo realizado em Fortaleza em 2009, por ocasião das comemorações do ano da França no Brasil.

do ensino médio. No caso específico da UNILAB, a região do Maciço de Baturité, onde essa universidade se situa, segundo dados obtidos no Anuário Estatístico de Ceará (2012), possui 248 escolas públicas, sendo 227 escolas de ensino fundamental e 21 escolas de nível médio. Nas escolas de ensino fundamental atuam 1.071 professores, e nas escolas de ensino médio atuam outros 228 professores, perfazendo um total de 1.299 professores, dos quais, 6% possuem formação de nível médio (escola normal) e 94% possuem formação de nível superior.

O território do maciço de Baturité, onde esta universidade se situa, ocupa uma área de 4.820 km² e, do ponto de vista do planejamento macrorregional, abrange treze municípios: Acarape, Aracoiaba, Aratuba, Barreira, Baturité, Capistrano, Itapiúna, Guaramiranga, Mulungu, Ocara, Pacoti, Palmácia e Redenção. São incluídos, ainda, outros dois municípios: Guaiuba e Caridade, ambos filiados à Associação dos Municípios do Maciço de Baturité (Amab). A região possui vários distritos e vilas originários da época de colonização da região, que guardam referências de grande importância para as tradições e o patrimônio histórico do Ceará. É importante salientar que o contexto regional é marcado por municípios em situação de vulnerabilidade social. Dessa maneira, uma parcela do corpo discente advém da classe trabalhadora e muitos são egressos de famílias beneficiárias de políticas sociais, tais como o Programa Bolsa Família. Em comum estes jovens estudantes, possuem o fato de serem a primeira geração a ingressar na universidade pública, especialmente no caso brasileiro.

O corpo discente da UNILAB é formado por jovens brasileiros (as) e estrangeiros(as). Atentando para esta parcela estudantil observa-se que o processo seletivo delinea um determinado perfil de estudantes em virtude da modificação do processo seletivo dessas suas instituições. Há 50% das vagas destinadas a alunos estrangeiros e 50% das vagas destinadas a alunos brasileiros, sendo que 25% destas vagas são destinadas a alunos cotistas com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 SM e que tenha cursado o Ensino Médio (EM) integral em escola pública (EP), ou autodeclarados pretos, pardos e brancos, ou independente da renda que tenha cursado EM integral em EP.

Esse é o terreno fértil em que se compartilham diretrizes que apontam tanto a importância de ampliar a oferta de cursos superiores em regiões com altos índices de vulnerabilidade social, quanto de ampliar as relações de cooperação com o continente africano e latino-americano num escopo de formação de recursos humanos e promoção do desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional. Acerca disso, o PPGA UFC/UNILAB se filia a Moore (2010, p.158) que assim nos diz: “a verdadeira função de uma universidade é preparar a sociedade para lidar com suas contradições, conflitos e aberrações internas. O papel da universidade é promover as mudanças sociais positivas”.

“O papel de uma Universidade é mudar o presente e pensar o futuro”⁴. Nessa ótica, intenta-se na pós-graduação recuperar o sentido público e compromisso social da educação superior pela via da expansão com qualidade e inclusão. Considerando o viés da interiorização, pode ocorrer a melhoria dos indicadores socioeconômicos dos locais/regiões, nos quais se encontram instalados seus campi. Assim, as instituições

⁴ Moore, Carlos (2010). A África que Incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro. Rio de Janeiro, Nandyalla.

assumem a postura de ator social que pode, através de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, desempenhar papel relevante de fomento ao desenvolvimento sustentável e contribuir para superação da miséria e redução das iniquidades sociais e territoriais no país.

De outra feita, espera-se que o PPGA UFC/UNILAB possa continuar contribuindo para a resposta a outras demandas sociais e institucionais no Estado do Ceará, de várias ordens, desde as que envolvem questões patrimoniais, tanto materiais como imateriais, até demandas por questões que envolvem direitos humanos e territoriais de segmentos específicos da sociedade cearense.

Está na origem deste programa uma proposta que se relaciona estreitamente com uma formação que reflita e fomente a formação de uma identidade que reconheça e valorize o seu patrimônio social e cultural. Em relação às demandas pela garantia de direitos humanos e territoriais, o estado se ressentia de uma ampliação do quadro de profissionais capacitados para lidar com tais questões e atender às múltiplas solicitações de parcerias, assessoria, consultorias ou trabalhos técnicos especializados, que provem tanto dos movimentos sociais, tais quais o movimento indígena e de comunidades negras e quilombolas; bem como de diversas instituições que lidam com a temática, como o Ministério Público Federal - MPF, a Fundação Nacional do Índio – FUNAI, O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, A Secretaria de Educação do estado do Ceará – SEDUC, o Distritos Sanitário Especial Indígena – DSEI- CE/ Ministério da Saúde ou mesmo a Justiça Estadual e Federal.

A antropologia se configura como uma área do conhecimento com forte demanda também para os países africanos e Timor-Leste em um momento de redefinição do legado histórico de hegemonia disciplinar europeu e americano e de novos rumos para contribuição da teoria e prática antropológicas. Diante do desafio da integração de identidades locais à jovem estrutura política associada à democratização, as jovens nações demandam a participação cada vez maior de profissionais que informem as práticas locais e estruturas políticas, e que ingressem no sistema educacional ainda no início de construção. Com o desafio de um conhecimento alternativo às formas eurocêntricas de percepção do mundo, os países africanos e o Timor- Leste encontram-se mobilizados em projetos e políticas que visem um conhecimento mais amplo de seu povo e dos problemas sociais cotidianos. Nesse sentido, o PPGA UFC/UNILAB, em alinhamento com a missão institucional da UNILAB, tem contribuído para capacitar jovens brasileiros e estrangeiros a conhecerem essas realidades estrangeiras, e, por conseguinte, viabilizar a manutenção de redes de apoio e troca em uma escala global.

De forma geral, a atuação do PPGA UFC/UNILAB tem passado pelo esforço de ser um elo de interação com a sociedade, através da difusão de conhecimento científico, tecnológico, artístico e cultural e pela tentativa de distinguir-se como referência regional pela excelência acadêmica de suas ações nas áreas do ensino, pesquisa e extensão.

Tal atuação tem sido feita no sentido “formar cidadãos com competência acadêmica, científica e profissional com base no reconhecimento e respeito à diversidade étnico-racial, religiosa, cultural e de gênero, visando à equidade e à justiça social”. Esta que

orientou a criação do mestrado em antropologia e nos torna cara a construção e consolidação desse processo. Entende-se, assim, que o nosso mestrado, ao contextualizar a instituição e o corpo discente envolvido, possui a dimensão do reconhecimento e do acesso ao ensino superior como diálogo possível com a perspectiva da valorização da dignidade humana com base nas suas especificidades identitárias e culturais.

3.2 Histórico do curso

O Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia resulta da cooperação entre a Universidade Federal do Ceará e a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Trata-se de um programa em associação, que recebeu a sua aprovação pela CAPES em 07.12. 2016 e iniciou o seu efetivo funcionamento em 16 de agosto de 2017, data do início das aulas da primeira turma. A sua criação se insere no contexto particular da emergência da Antropologia na região na qual no qual o curso está instalado, de tal modo que, para apresentar a sua trajetória, vale a pena traçar um breve comparativo com a história da antropologia em outras regiões do país. Para tanto, vale recapitular o que consta na proposta original do curso originalmente apresenta à CAPES, na qual os proponentes produziram, em 2016, um levantamento da história da antropologia no Ceará.

“[D]e acordo com Mota e Brandão (2004: 164), na região Nordeste, a antropologia não experimentou a expansão e consolidação institucional, por meio da criação de programas de pós-graduação em antropologia (PPGA), como ocorreu no fim da década de 1970 em algumas universidades do Centro-Sul do país, o ensino e a pesquisa antropológica no Nordeste, estiveram, em grande parte e por um longo período, abrigados em programas de pós-graduação em ciências sociais e sociologia, o que redundou, ainda segundo os autores citados, na invisibilização de uma produção que, embora fecunda, não podia figurar nos Relatórios de Coleta CAPES.

Até 2004, por exemplo, ano em que Mota e Brandão escreveram sobre o campo da antropologia no Nordeste, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) era a única universidade na região que possuía mestrado e doutorado em antropologia. Tal realidade tem se modificado desde então, com a criação de programas específicos de antropologia em grande parte das capitais nordestinas. A criação desses novos PPGAs vem permitindo dar visibilidade a uma produção até então difusa, quando não fragmentada, de conhecimento antropológico”.(BRASIL, 2016:8).

Ainda na proposta original do curso pontuou-se que:

“O Ceará certamente constitui um dos casos paradigmáticos do que Mariza Correia destacou certa vez sobre a antropologia: “tivemos antropólogos bem antes que a antropologia se institucionalizasse como disciplina nas universidades” (Correia, 1991:59-60). Os estudos antropológicos no Ceará integram, desde o século XIX, a tradição cearense de estudos históricos, sociológicos e políticos promovidos por profissionais de diferentes áreas do conhecimento, sensíveis às chamadas questões sociais. Fundada em 1955, a Universidade Federal do Ceará viabilizou a aglutinação de pessoas com afinidades intelectuais e ideias comuns em espaços institucionais. Criado em 1958, o

Instituto de Antropologia foi dirigido pelo engenheiro Thomaz Pompeu Sobrinho cujos trabalhos, de cunho antropológico, mereceram destaque ao longo de sua vida. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, criada a seguir, em 1961, agrupou profissionais de formação variada no campo das ciências humanas, reforçada pela criação, em 1966, do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia que, em 1974 passou a se chamar Departamento de Ciências Sociais. Apesar de extinto, o Instituto de Antropologia, ao longo de seus quase dez anos de existência, deu lugar ao curso de Graduação em Ciências sociais, em 1968, na modalidade licenciatura, ampliado para o bacharelado na década seguinte. Atualmente, o Departamento tem sob sua administração o Curso de Graduação em Ciências Sociais (Unidades Curriculares de Antropologia, Ciência Política e Sociologia), com as modalidades Licenciatura e Bacharelado, oferecendo 100 vagas anuais (cursos diurno e noturno). Estão também, sob gestão do Departamento, vários laboratórios de pesquisa coordenados por antropólogos/as que atuam no mestrado e no doutorado de Sociologia e a Revista de Ciências Sociais, fundada em 1970, com edições temáticas, periodicidade semestral e distribuição para bibliotecas do Brasil, da América Latina, dos Estados Unidos e algumas universidades na Europa.” (BRASIL,2016:9).

Em 2010, o estado do Ceará acolheu uma das mais jovens universidades federais brasileiras, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), instituída pela Lei n. 12.289, em 20 de julho de 2010, e implantada na cidade de Redenção, a 63 km da capital do Ceará, Fortaleza. Segundo a proposta original do curso, “ a criação da UNILAB não representa apenas o atendimento das metas do Reuni em seu objetivo de promover o desenvolvimento de regiões ainda carentes de instituições de educação superior no país – como é o caso do Maciço do Baturité, no estado do Ceará, mas também o ensino e formação de jovens estrangeiros dos países em que se fala a língua portuguesa, conhecidos como países-membros da PALOP (Países de Língua Oficial Portuguesa): Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Ao ser criada no momento de reformulações da política externa brasileira - que redefiniu como uma de suas prioridades a aproximação com a África principalmente com os países africanos - a UNILAB atua em um contexto político favorável ao acesso e permanência no ensino superior com foco nas demandas regionais e na cooperação Sul-Sul via uma proposta educacional de integração com o continente africano e asiático. Para a internacionalização da educação superior, procura-se atender a política do governo de incentiva a cooperação sul-sul, fundamentada nos princípios de apoio e ajuda mútua visando a consolidação de espaços de formação, produção e disseminação de conhecimento com relevância social.” (BRASIL, 2016:10).

Segundo o seu Estatuto, A UNILAB tem “como missão institucional formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Palop), bem como promover o desenvolvimento regional, o intercâmbio cultural, científico e educacional”. (BRASIL,2020:4)

Para atender tal missão, a universidade conta hoje com um corpo docente altamente qualificado, sendo que 96,97% dos seus professores possuem o título de doutor.

Apesar de contar com apenas dez anos de existência, a UNILAB vem angariando reconhecimento nacional e internacional de seus feitos, tendo alcançado em 2019 a posição de segunda universidade do estado mais bem avaliada segundo o Índice Geral de Cursos (IGC). Isso justificou uma parceria equânime no que tange aos compromissos e responsabilidades compartilhadas na tarefa de criar e de gerir, um PPGA no estado do Ceará.

Em relação à UNILAB, as atividades acadêmicas se concentram em três campi: Campus dos Palmares (Acarape/CE), Campus das Auroras (Acarape/CE) e Campus São Francisco do Conde (São Francisco do Conde/BA). O Campus da Liberdade (Redenção/CE) atualmente é reservado para a administração da instituição. O quadro de docentes da área de antropologia, atualmente com 18 (dezoito) doutores inseridos nos Institutos de Humanidades e vinculados ao Bacharelado em Antropologia, combina características interessantes, como a diversidade de origem quanto à instituição de doutoramento, a diversidade etária, racial e de gênero. Proposto como uma das terminalidades do Bacharelado em Humanidades (BHU) da UNILAB (atualmente com 320 vagas anuais para alunos do ensino médio brasileiro e estrangeiro), o curso de Graduação em Antropologia tem oferecido 80 vagas anuais e já conta com um periódico científico que, atualmente, está em seu quarto número.

Segundo o documento de proposta original do curso, do ponto de vista da trajetória do PPGA, “O histórico de colaboração dos integrantes deste mestrado em associação ocorre assim em um diálogo e troca que tem permitido um intenso intercâmbio de antropólogos e antropólogas de ambas as universidades na constituição de bancas de mestrado e doutorado, bem como as parcerias para a produção coletiva e compartilhada de publicações e eventos, como aconteceu, por exemplo, na organização de atividades da Rea/Abanne. Vale destacar que em agosto de 2013, Fortaleza acolheu a décima terceira edição da Reunião Equatorial de Antropologia também quarta edição da Reunião dos Antropólogos do Norte e Nordeste, a partir de uma organização conjunta entre os departamentos de Antropologia da UFC e da UNILAB.

Outro intercâmbio que está na origem do curso e que foi fruto da parceria entre a UNILAB e a UFC, refere-se à criação do Ciclo de Conferências Antropologia no Ceará, promovido por ambas as universidades com o intuito de intensificar a cooperação entre os laboratórios e compartilhar o conhecimento produzido com a comunidade acadêmica e local dos municípios onde as instituições estão instaladas. Parcerias realizadas em termos de publicações são também uma prioridade dos docentes, em que se destaca a organização do Dossiê temático “O Trabalho em África”, na Revista de Ciências Sociais da UFC (volume 46, número 02), organizado por Carla Susana Abrantes e Marina Annie Berthet, da Universidade Federal Fluminense.”(BRASIL,2020:10).

Uma vez constituído e em funcionamento, o Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia está em sua quarta turma, que ingressou no início de 2021. Quanto ao corpo docente, este é formado por 14 membros, sendo 10 permanentes e 4 colaboradores. A presente configuração segue aquilo que foi estabelecido pelas diretrizes da CAPES e da área de antropologia quanto ao limite máximo de colaboradores nos cursos de mestrado. Em termos quantitativos, 71,42% corresponde

à porcentagem de docentes permanentes e 28,57% ao percentual de docentes colaboradores.

No que diz respeito à formação dos docentes que integram o PPGA UFC UNILAB, registramos: 2 doutores pelo PPGA UNB (2015 e 2017); 3 Doutores pelo PPGA UFRJ - Museu Nacional (2 em 2012 e 1 em 2014); 1 Doutor pela UFC (2008); 1 Doutor pelo PPGA UFPA (2017); 1 Doutora pelo PPGA USP (2012); 1 Doutora pelo PPGA UFRN (2013); 1 Doutor pelo PPGSA – IFCS (2008); 1 Doutora pela Universidade do Texas (2006); 1 Doutor pela Universidade de Paris – 8 (2002); 2 Doutoradas pela UNICAMP (2001 e 2003).

Dentre os 14 professores, 10 obtiveram o doutorado em programas de antropologia, 3 possuem o título de doutor em Ciências Sociais (Área de Concentração: Antropologia) e 1 docente fez a sua formação doutoral em Sociologia. Em termos percentuais, 92,85% dos docentes possuem doutorado em antropologia ou ciências sociais/antropologia e 7,15% em áreas afins (sociologia).

Sobre o perfil estudantil, o programa possui estudantes locais, regionais e internacionais, já que estão matriculados alunos oriundos do interior e da capital do Ceará (egressos de Universidades como a UVA e a UNILAB) e do continente africano. Do total de estudantes, observa-se, assim, o caráter plural do curso, o que revela um programa pautado por propostas de justiça social e atento à importância das ações afirmativas. Ademais, trata-se de um curso empenhado na tarefa de colocar em prática a missão de cooperação internacional no campo da educação entre a UNILAB, os países africanos de língua oficial portuguesa e o Timor Leste.

Em todos os processos seletivos realizados, o ingresso atendeu às exigências nacionais da Política de Ações Afirmativas (Portaria Normativa MEC nº13 de 11 de maio de 2016), que já havia sido incorporada ao regimento do Programa. Do ponto de vista do corpo discente, consideramos que dispomos de um quadro de alunos heterogêneo quanto à origem e formação. A referida característica tem que ver com a aliança entre interiorização e adoção das políticas de ações afirmativas, assim como é produto de mecanismos presentes no edital que garantem a pluralidade do corpo estudantil. Desta feita, a diversidade de trajetórias formativas progressas é possível porque os processos seletivos têm admitido o ingresso de estudantes com graduações em outras áreas, desde que tenham cursado certa carga horária na área de Ciências Sociais.

Deve-se observar que o curso se apresentou como uma alternativa importante para alunos da região do Maciço de Baturité, onde se situa a UNILAB, e para a região metropolitana de Fortaleza, cidade na qual está instalada a UFC; O PPGA é uma alternativa não apenas pela disponibilização das vagas, mas pelo esforço constante no sentido de mobilizar esforços para disponibilizar transporte, acesso à biblioteca e refeições para todos os alunos em ambas as universidades. Tendo em conta a situação de vulnerabilidade social de boa parte do corpo discente, tais medidas são fundamentais para a garantia do bom funcionamento do curso.

4. Objetivos e missão do programa

Conforme foi apresentado nos itens anteriores, o PPGA UFC/UNILAB é um programa associado entre a Universidade Federal do Ceará e a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Trata-se de um mestrado acadêmico jovem, cuja proposta recebeu a aprovação em 07/12/2016 e cujas primeiras turmas ingressaram no segundo semestre de 2017. O programa toma os âmbitos locais e regionais como os campos espaciais prioritários de excelência. Acrescente-se a esses dois níveis, a missão institucional de contribuir para a formação de estudantes provenientes dos países envolvidos no projeto de cooperação internacional que deu origem à UNILAB, quais sejam: Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Isso posto, o âmbito espacial de excelência é também internacional, estando as ações prioritariamente dirigidas aos PALOP (Países Africanos de Língua Portuguesa).

Desde o início do seu funcionamento, o programa definiu como a sua **missão** oferecer formação de mestrado para alunos/as egressos de cursos de graduação da UFC, UNILAB e outras universidades em âmbito local e regional. Como dito, considerando a missão da UNILAB, qual seja, a de fomentar a cooperação no campo da educação com os países membros do PALOP, o programa também considera como sua missão a oferta de formação aos estudantes provenientes dessas nações.

O **objetivo geral** do Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA UFC-UNILAB), portanto, é formar pesquisadores e docentes de alto nível, capazes de produzir conhecimento antropológico em sintonia com as demandas sociais e com o debate contemporâneo nas ciências sociais, em particular, na antropologia.

O PPGA possui ainda os seguintes **objetivos específicos**:

- I. Formar profissionais no campo da qualificação docente;
- II. Formar pesquisadores a partir de uma perspectiva interdisciplinar e crítica que oriente a elaboração e execução de projetos de pesquisa cujo conhecimento resultante seja disseminado por meio das atividades de ensino, pesquisa e extensão, de modo a se fortalecer o próprio Programa e a garantir inserção e incremento da qualidade da graduação e, conseqüentemente, melhoria do ensino básico;
- III. Formar profissionais que atuem no âmbito das instituições de ensino públicas e privadas, institutos de pesquisa e outras instituições governamentais e não governamentais onde haja demanda pela formação antropológica;
- IV. Produzir e sistematizar conhecimento antropológico que contribua para a reflexão e atuação em âmbito local, regional e nos PALOP, potencializando conjuntamente os recursos e estruturas institucionais existentes no âmbito da UFC e da UNILAB.

5. Perfil do egresso

Em termos do perfil do egresso, espera-se que o mestrado acadêmico oferecido pelo PPGA UFC/UNILAB proporcione uma formação que permita aos seus egressos alcançarem o domínio dos conteúdos oferecidos e a capacidade analítica, posicionamento crítico, compromisso ético e competência na articulação entre teoria,

pesquisa e prática social. Espera-se, especificamente, que desenvolvam as habilidades que lhes permitirão estabelecer relações entre a pesquisa e as práticas sociais, sem negligenciarem o compromisso ético no exercício de suas atividades, além da abertura epistemológica exigida e incentivada num projeto que pretende, desde o princípio, articular alunos e professores de origens culturais e epistemológicas diversas.

O programa adota como meta a formação de mestres em antropologia capazes de atuarem em órgãos públicos, em agências não governamentais, de prosseguirem como pesquisadores em nível doutoral e de integrarem instituições de ensino e pesquisa no Brasil e nos PALOP. Considera-se que os potenciais espaços de atuação dos egressos são universidades, ONGs, empresas de pesquisa e órgãos públicos da região, do estado do Ceará e dos países com os quais a UNILAB mantém cooperação no campo da educação superior.

6. Área de Concentração e linhas de pesquisa

O Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia possui uma única área de concentração, qual seja, “Antropologia” e conta com duas linhas de pesquisa em funcionamento: “Narrativas, simbolismos e emoções” e “Diferença, poder e epistemologias”.

Área de Concentração: Antropologia

Descrição: Trata-se de uma proposta inovadora concentrada na área da Antropologia que busca associar uma tradição de estudos antropológicos já constituída sobre o Ceará e a região Nordeste, presente na produção do departamento de ciências sociais da UFC, desde longa data, com a recente experiência, ímpar e pioneira da UNILAB, que já se constrói, em seu nascedouro, de forma interdisciplinar e com vocação internacional. Temas como diferença e identidade, subjetividade e relações étnico-raciais perpassam as duas Linhas de Pesquisa e espera-se que produzam estudos que deem conta das problemáticas por eles engendradas, estimulando abordagens que privilegiem a dimensão espaço-temporal, contemplando estudos intensivos locais, mas também longitudinais, além de se voltar, de forma privilegiada, aos estudos que abarquem desde as instâncias locais e regionais até as situadas nos planos nacional, internacional e transnacional de forma a permitir frutíferos diálogos reflexivos e análises comparativas.

Linha 1: Narrativas, simbolismos e emoções:

Descrição: Esta linha de pesquisa é composta por investigações que se voltam à interface, no campo da antropologia, entre narrativas, simbolismos e emoções. Esta seara é articulada com uma série de questões ligadas às performances rituais e artísticas, ao audiovisual, à linguagem e seus diferentes meios semióticos, às cosmologias e religiões, aos sistemas de classificação e às rotas das emoções e dos conflitos em distintas redes de sociabilidade. As pesquisas recortam uma variedade potencial de objetos e temas, tais como: cidades, redes, afecções e conflitos; representações, valores e instituições sociais; cinematografia, fotografias, artes visuais e mídia; museus, patrimônios e objetos-artefatos; poéticas, escrituras e estéticas;

mnemotécnicas, cosmologias e sistemas simbólicos. Os fenômenos e problemas enfrentados, pelos pesquisadores, são arrolados em diferentes escalas de modo a permitir o deslocamento analítico e empírico em espaços multissituados – local, alhures e translocal.

Integram a Linha de pesquisa 1 os docentes Antônio George Lopes Paulino, Jacqueline Britto Pólvora, Kleyton Rattes, Lea Carvalho Rodrigues, Luís Tomás Domingos e Marcelo Natividade.

Linha 2: Diferença, Poder e Epistemologias:

Esta linha de pesquisa se volta para projetos de investigação focados na interface dos campos da Antropologia, Identidade, Poder e Conhecimento. No campo da Antropologia e Identidade, estudos sobre os marcadores da diferença (raça, etnia, gênero, classe, sexualidades e idade) e direitos humanos. No exercício das investigações, os pesquisadores desse campo se confrontarão com as estratégias de inserção e relações de poder que circundam os sujeitos sociais envolvidos. Na articulação entre Poder e Conhecimento estão dispostos trabalhos que envolvam reflexões sobre processos de descolonização epistemológica (colonialidade/decolonialidade) e as Epistemologias do Sul. Enfatizam-se, ainda, metodologias comparativas que permitam reunir uma compreensão do local, regional, nacional e transnacional em suas variadas manifestações geográficas e históricas, em especial no trânsito entre Brasil e países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP).

Estão associados à Linha de pesquisa 2 os seguintes docentes: Carla Susana Alem Abrantes, Isabelle Braz Peixoto da Silva, Martinho Tota Filho Rocha de Araújo, Vera Regina Rodrigues da Silva, Violeta Maria de Siqueira Holanda, Denise Ferreira da Costa Cruz, Rhuan Carlos dos Santos Lopes e Rafael Antunes Almeida.

7. O corpo docente

O Corpo Docente do PPGA UFC/UNILAB é constituído por professores permanentes, colaboradores e visitantes, portadores do título de Doutor ou Livre Docente, em conformidade com as condições gerais estabelecidas pela Resolução nº 17/CEPE, de 4 de dezembro de 2015 da UFC, pelo Regimento Geral da Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, aprovado pelo CONSEPE, em 22 de novembro de 2019, e pela Portaria de nº 214, de 27 de outubro de 2017, da CAPES/MEC.

Integram o corpo docente 14 professores. Destes, 10 são permanentes e 4 são colaboradores. Em relação ao total, 8 docentes são servidores da UNILAB e 6 docentes são servidores da UFC. No que tange à distribuição dos professores entre as linhas de pesquisa, 6 integram a linha de pesquisa “Narrativas, Simbolismos e Emoções” e 8 integram a linha “Diferenças, poder e epistemologias”.

Integram o corpo docente do PPGA UFC/UNILAB os seguintes professores:

Docentes Permanentes

Antonio George Lopes Paulino (UFC)

Carla Susana Alem Abrantes (UNILAB)

Kleyton Rattes (UFC)

Lea Carvalho Rodrigues (UFC)

Luis Tomás Domingos (UNILAB)

Martinho Tota Filho Rocha de Araújo (UFC)

Rafael Antunes Almeida (UNILAB)

Rhuan Carlos dos Santos Lopes (UNILAB)

Vera Regina Rodrigues da Silva (UNILAB)

Violeta Maria de Siqueira Holanda (UNILAB)

Docentes Colaboradores

Denise Ferreira da Costa Cruz (UNILAB)

Isabelle Braz Peixoto da Silva (UFC)

Jacqueline Britto Pólvora (UNILAB)

Marcelo Tavares Natividade (UFC)

8. Organização administrativa do Programa

A estrutura administrativa do Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia UFC/UNILAB é constituída:

- I. Pelo Colegiado do Programa;
- II. Pela Coordenação Geral;
- III. Pela Coordenação Local;
- IV. Pelo Colegiado da Coordenação;
- V. Por uma Secretaria Geral;
- VI. Por uma Secretaria Local;

O Colegiado do PPGA UFC/UNILAB é composto por professores da UFC e da UNILAB ,credenciados no programa, e por um representante discente.

A Coordenação Geral do PPGA UFC/UNILAB é composta por professores do colegiado vinculados à UFC ou à UNILAB, respeitando a alternância institucional a cada dois anos de exercício, com a seguinte configuração:

- I. Coordenador (a) Geral do Programa, como presidente do Colegiado;

II. Vice-Coordenador (a) Geral, como vice-presidente do Colegiado;

III. Dois representantes docentes;

IV. Representação discente constituída por um (a) aluno (a) regularmente matriculado no curso;

A Coordenação Local do PPGA UFC/UNILAB é composta por professores do colegiado vinculados à UFC ou à UNILAB, respeitando a alternância institucional a cada dois anos de exercício, com a seguinte configuração:

I. Coordenador (a) Local;

II. Vice-Coordenador (a) Local;

O Colegiado da Coordenação será integrado:

I. Pelo(a) Coordenador(a) Geral;

II. Pelo(a) Vice-Coordenador (a) Geral;

III. Pelo(a) Coordenador(a) Local;

IV. Pelo(a) Vice-Coordenador (a) Local;

V. Por um Representante Discente;

9. Oferta de vagas

Oferta anual: 14 vagas

Serão ofertadas anualmente 10 (dez) vagas para o curso de Mestrado, 5 (cinco) com vínculo na UFC e 5 (cinco) com vínculo na UNILAB, mais o adicional de 4 vagas, divididas de modo igualitário, para pessoas negras (2) e indígenas (2) em ambas instituições, conforme a Política de Acesso Afirmativo do Programa.

Uma (1) entre as dez (10) vagas será reservada às pessoas com deficiência (PCD); Não havendo inscritos optantes pela vaga reservada às pessoas com deficiência (PCD), a referida vaga será convertida em vaga geral e poderá ser preenchida por candidatos não optantes.

10. Periodicidade de seleção programada

Periodicidade de seleção programada: Anual.

11. Descrição sintética do sistema de oferta do curso

O curso será ofertado a graduados em cursos superiores de duração plena na área de Ciências Sociais, ou em áreas consideradas afins pelo Colegiado do Programa. Poderão ser admitidos no Mestrado graduados em outras áreas do conhecimento, desde que apresentem em seu histórico escolar do curso de graduação ou de especialização o registro de, no mínimo, três disciplinas concluídas nas áreas de Ciências Sociais

(Sociologia, Antropologia, Ciência Política) e humanidades e outras coincidentes com essas áreas.

O processo seletivo ocorrerá por meio três editais diferentes:

I - Edital de ampla concorrência + Reserva de 1 (uma) vaga para pessoas com deficiência – O edital contará com dez vagas, entre as quais uma será reservada para pessoas com deficiência. Na ausência de candidatos inscritos ou aprovados para a vaga reservada, a mesma será convertida em vaga geral.

II - Edital que contempla as ações afirmativas para negras/os - O edital contará com duas vagas.

III – Edital que contempla as ações afirmativas para indígenas - O edital contará com duas vagas.

Os editais serão elaborados por uma comissão nomeada pelo Colegiado do Programa, formada por professores de ambas as universidades.

No plano administrativo, os alunos aprovados serão matriculados nas universidades a que forem designados no final da seleção e todos os assuntos relacionados à sua vida acadêmica serão geridos pela secretaria da sua universidade. A titulação e a expedição de diplomas se dará segundo as normas e procedimentos burocráticos de cada universidade.

A designação da universidade na qual o candidato aprovado será matriculado respeitará o seguinte procedimento: I. Sorteio da universidade de matrícula para o primeiro colocado na lista de classificação. II. Os demais candidatos aprovados serão distribuídos de forma alternada entre as duas universidades.

A coordenação geral publicará uma lista com as instituições de matrícula dos candidatos aprovados, que deverão realizar o registro acadêmico na universidade para qual foram designados.

Os alunos serão cadastrados nos respectivos SIGAA das duas universidades. Na oferta de disciplinas, as duas universidades cadastrarão todo o conjunto de disciplinas ofertado e os professores responsáveis pelas mesmas. Conforme observado, os históricos escolares, assim, serão emitidos pela universidade onde o aluno estiver matriculado e cadastrado no sistema respectivo.

As disciplinas serão ofertadas nas duas universidades, que distam 60 quilômetros entre elas, e isto se dará de acordo com a vinculação institucional do docente responsável pela disciplina e no caso das disciplinas obrigatórias ocorrerá alternância na oferta em Fortaleza e em Redenção.

12. Proposta Curricular

O curso compreende 30 créditos, dentre os componentes curriculares obrigatórios e eletivos, oferecidas nas dependências na UFC e na UNILAB em função de arranjos que são definidos semestralmente. O objetivo é que haja um equilíbrio na oferta de disciplinas oferecidas pelos professores de cada instituição, de modo que o Programa tenha existência efetiva em ambas.

Os 30 créditos mínimos estão distribuídos da seguinte forma: 16 (dezesesseis) créditos correspondem às disciplinas obrigatórias; mínimo de 08 (oito) créditos em disciplinas optativas; e 6 (seis) créditos correspondentes à atividade de Dissertação.

São obrigatórias as seguintes disciplinas, cada uma correspondendo a 4 (quatro) créditos:

- 1 - Teoria Antropológica I;
- 2 - Teoria Antropológica II;
- 3 - Métodos de Pesquisa em Antropologia;
- 4 - Estágio à Docência;

São também componentes curriculares obrigatórios a Proficiência em Língua Estrangeira, a Qualificação e a Dissertação de Mestrado.

São optativas as seguintes disciplinas, cada uma correspondendo a 4 (quatro) créditos:

- 1 - Antropologia da Religião
- 2 - Antropologia da Arte
- 3 - Narrativas e Memórias
- 4 - Antropologia Urbana
- 5 – Antropologia dos rituais e da performance
- 6 – Gênero, Alteridade(es) e Feminismos
- 7 – Relações Étnico-raciais e Movimentos Sociais
- 8 – Povos tradicionais, Territórios e Estados-Nacionais
- 9 – Conhecimentos, Poder e Epistemologias do Sul
- 10 – Estados Nacionais e Cooperação Internacional
- 11 – Política e Direitos Humanos
- 12 – Tópicos Especiais I
- 13 – Tópicos Especiais II
- 14 – Tópicos Especiais III

Em cada período letivo regular, o aluno deverá se matricular em, no mínimo, 1 (uma) componente curricular, e, no máximo, 4 (quatro). O aluno que tiver concluído o número mínimo de créditos necessários e estiver em fase de elaboração de Dissertação é dispensado de cursar disciplinas, devendo, porém, matricular-se no componente curricular.

O fluxo do curso está organizado do seguinte modo:

1º semestre: Teoria Antropológica I (Obrigatória) + 2 disciplinas Optativas
2º semestre: Teoria Antropológica II (Obrigatória) + Métodos de pesquisa em Antropologia (Obrigatória)
3º semestre: Estágio docência (Obrigatória) + Escrita e defesa do texto de qualificação (Atividade)
4º semestre: Escrita e defesa da dissertação (Dissertação – 6 créditos)

É permitido ao aluno matricular-se em disciplinas ofertadas por outros cursos de Pós-Graduação reconhecidos no país, desde que haja prévio entendimento entre o aluno, seu orientador e as respectivas coordenações dos programas.

12.1 Ementas das disciplinas e atividades

Obrigatórias

Nome: Teoria Antropológica I

Créditos: 4

Área de Concentração: Antropologia

Obrigatória: sim

Ementa: Principais orientações do pensamento e da prática antropológicos da metade do século XIX à metade do século XX, cobrindo as contribuições que marcaram a fundação da disciplina: Evolucionismo Social e Cultural, Culturalismo Norte-Americano, Escola Sociológica Francesa, Antropologia Social Britânica e Estruturalismo Francês.

Bibliografia:

BATESON, Gregory. 1949. Steps to an Ecology of Mind. University of Chicago Press, Chicago

_____. 1958. Naven. Stanford, Ca: Stanford University Press

BENEDICT, Ruth. Padrões de Cultura. Lisboa: Edições Livros do Brasil. S/d

BOAS, Franz. Antropologia Cultural. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. A Mente do Ser Humano Primitivo. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

_____. (1896) Race, Language and Culture. New York, The Free Press, 1966.

CLASTRES, Héléne. 1978. "Sauvages et Civilisés au XVIII Siècle". In: François Châtelet (org.), Histoire des Idéologies, vol. 3 Hachette, Paris.

DURKHEIM, Émile. 1912. Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse. Plon, Paris

EVANS-PRITCHARD, Edward E. 1978 [1937]. Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande. Zahar, Rio de Janeiro

_____. 1993. E. Os Nuer. São Paulo: Perspectiva, 1993.

_____. 1960. Essays in Social Anthropology: 29-45. Faber and Faber, London.

EVANS-PRITCHARD, E & FORTES, Meyer (eds.). 1940. African Political Systems: Oxford University Press, Oxford.

FIRTH, Raymond. 1964. "Social Organization and Social change". In: Essays on Social Organization and Values. London: University of London, The Athlone Press.

FORTES, Meyer (1949) *Time and Social Structure and other essays*. London, Athlone, 1970, pp.1-32.

FORTES, M. & EVANS-PRITCHARD, E.E. (1940). *African Political Systems*.

FRAZER, James G. 1982. O Ramo de Ouro. Rio de Janeiro: Guanabara.

GLUCKMAN, Max (1940) "Análise de uma situação social na Zululândia moderna". In: Feldman-Bianco, Bela (org.) *Antropologia das Sociedades Contemporâneas. Métodos*.

São Paulo, Global, 1987, pp. 227-344.

- ___ 1974. *Rituais de Rebelião no Sudeste da África*. Brasília: Edunb
- KROEBER, Alfred L. (1935) "History and Science in Anthropology". In: *American Anthropologist*, 37, pp. 539-569.
- KUPER, Adam - *The invention of primitive society*. London, Routledge, 1988.
- LEACH, Edmund R. 1964. *Political systems of Highland Burma*. Boston, Beacon Press
- LEENHARDT, Maurice. 1979. *Do Kamo. Person and Myth in the Melanesian World*. University of Chicago Press.
- LÉVY-BRUHL, Lucien. 1938. *L'Expérience Mystique et les Symboles chez les Primitifs*. Félix Alcan, Paris.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1946. "La Sociologie Française". In: Georges Gurvitch e Wilbert Moore (orgs.). *Sociologie au XXe Siècle: 513-545*, PUF, Paris.
- ___ 1949. *Anthropologie Structurale*. Plon, Paris
- ___ 1950. "Introduction à l'Oeuvre de Marcel Mauss". In: Marcel Mauss. *Sociologie et Anthropologie: IX-LII*, PUF, Paris.
- ___ 1967 *Les Structures Élémentaires de la Parenté*. Mouton, Paris
- ___ 1962. *Le Totémisme Aujourd'hui*. PUF, Paris.
- ___ 1962. *La Pensée Sauvage*. Plon, Paris.
- MALINOWSKI, Bronislaw. 1922. *Argonauts of Western Pacific*. London
- ___ 1935. *Coral Gardens and their Magic*. George Allen & Unwin, London.
- MAUSS, Marcel & HUBERT, Henri. 1903 "Esquisse d'une Théorie Générale de la Magie". In: *Sociologie et Anthropologie: 3-141*. PUF, Paris, 1950.
- MAUSS, Marcel. 1974. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.
- ___ "Ensaio sobre a dádiva". In *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974.
- MEAD, Margaret. 1962. "National Character". In: Tax, S. (Ed.). *Anthropology Today*. Selections. Chicago: The University of Chicago Press.
- ___ *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva. 2011
- MITCHELL, J.C. (1956) *The Kalela Dance*. Manchester, Manchester University Press, 1968, pp.1-52.
- MORGAN, Lewis H. 1946. *La sociedad primitiva*. Buenos Aires: Lautaro.
- RADCLIFFE-BROWN. A. R. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Vozes. 1973.
- RADCLIFFE-BROWN, A.R. (1923) "The methods of Ethnology and Social Anthropology"; (1951) "The comparative method in Social Anthropology". In: *Method in Social Anthropology*. Chicago, The University of Chicago Press, 1958, pp.3-38, 108-129.
- SAPIR, Edward (1924) "Culture, genuine and spurious". (1934) "Personality", "The emergence of the concept of personality in the study of cultures". In: Mandelbaum. D.G. (ed.) *Selected writings of Edward Sapir*. Berkeley, The University of California Press, 1949, pp. 308-331, 560-563, 590-597.
- STOCKING JR. George W. 1968. *Race, Culture and Evolution. Essays in the History of Anthropology*. Free Press, New York
- ___ 1983 *Observers observed. Essays on Ethnographic Field Work*. USA: The University of Wisconsin Press.
- ___ 1986 (ed.), Malinowski, Rivers, Benedict and Others. *Essays on Culture and Personality*. The University of Wisconsin Press, Madison.
- ___ 1987. *Victorian Anthropology*. New York: The Free Press.
- TURNER, V. 1974. *O Processo Ritual*. Petrópolis: Vozes.
- TYLOR, Edward Burnett. 1871. *Primitive Culture*. John Murray, London.

Nome: Teoria Antropológica II

Créditos: 4

Área de Concentração: Antropologia

Obrigatória: sim

Ementa: Orientações contemporâneas no campo da antropologia, em diversas tradições nacionais, com ênfases teóricas, temáticas e problemáticas específicas selecionando leituras que ofereçam panoramas gerais do período histórico posterior à II Guerra Mundial: estruturalismo histórico; antropologia interpretativa, pós-moderna e pós-colonial; estudos sobre globalização, identidade e etnicidade; antropologias periféricas; abordagens processualistas e correntes contemporâneas de caráter revisionista dos cânones da disciplina.

Bibliografia:

ABU-LUGHOD, Lila. 2000. Locating Ethnography. *Ethnography* 1(2):261-267.

APPADURAI, Arjun. 1988. Putting Hierarchy in Its Place. *Cultural Anthropology*, 3 (1): 36-49.

ARDENER, Edwin. 1985. Social Anthropology and the Decline of Modernism. In: Joanna Overing (org.), *Reason and Morality*. London: Tavistock.

ASAD, Talal. 1973. *Anthropology and the colonial encounter*. New York: Humanities Press.

_____. 1979. Anthropology and the Analysis of Ideology. *Man* 14 (4): 607-627

BALANDIER, G. A desordem: Elogio do movimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BARTH, Fredrik. 1992. Towards greater naturalism in conceptualizing society. In Kuper, Adam. *Conceptualizing society*. London: Routledge.

_____. 2000. O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas. (Tomke, Lask – org.) Rio de Janeiro: Contracapa.

BOLTANSKI, Luc. 1990. L'Amour et la Justice comme compétences. *Trois essais de sociologie de l'action*. Paris, Métailié.

BOURDIEU, Pierre. 1980. *Le sens pratique*, Paris, Minuit, 1980.

_____. 1982. Ce que parler veut dire. *L'économie des échanges linguistiques*, Paris, Fayard

BUTLER, Judith. 1998. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do 'pós-modernismo', Pagu, Campinas: Unicamp, n.11.

CLIFFORD, James & Marcus, George (orgs.). 1985 *Writing Culture. The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press.

COMAROFF, Jean e Comaroff, John. 2003. Ethnography on an Awkward Scale: Postcolonial Anthropology and the Violence of Abstraction. *Ethnography* 4: 147-179.

CSORDAS, Thomas. 1990. Embodiment as a paradigm for Anthropology, *Ethos* 18, 5-47.

DUMONT, Louis. 1983. *Essais sur l'individualisme: une perspective anthropologique sur l'idéologie moderne*. Paris: Seuil.

_____. 1992. *Homo hierarchicus: le système des castes et ses implications*. Paris: Gallimard.

DOUGLAS, Mary, Pureza e Perigo. Rio de Janeiro. Edições 70, 1991.

ECKERT, C.; FRY, P. H. (orgs). *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Blumenau: Nova Letra, p. 19-44.

FABIAN, Johannes. 1983. *Time and the Other. How Anthropology Makes its Object*. New York: Columbia University Press.

FAVRET-SAADA, Jeanne. 1977 *Les mots, la mort, les sorts: la sorcellerie dans le bocage*. Gallimard

FELDMAN-BIANCO, Bela, org. *A antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global,

- FELDMAN-BIANCO, Bela & RIBEIRO, Gustavo Lins (orgs). Antropologia e poder: contribuições de Eric Wolf. Brasília: EdUnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora da Unicamp, p. 291-306.
- GEERTZ, Clifford. 1973. The Interpretation of Cultures. New York: Basic Books
- _____. 1974. Local Knowledge. Further Essays in Interpretive Anthropology. New York: Basic Books
- _____. 2001. Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Zahar.
- GELL, Alfred. 1998. Art and Agency: An Anthropological Theory. Oxford: Clarendon Press.
- HANNERZ, Ulf. 1980. Exploring the city. Inquiries toward na Urban Anthropology. New York: Columbia University Press, p. 163-201.
- HARAWAY, Donna J. 1991. Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature. London: Routledge.
- INGOLD, Tim (org.) 1996. Key Debates in Anthropology. London: Routledge.
- _____. 2000. The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill. Londres: Routledge.
- KUPER, Adam. Cultura: a visão dos antropólogos, Edit: Bauru: Edusc, 2002.
- KUPER, Adam (ed.), Conceptualizing Society. London: Routledge.
- LATOURETTE, Bruno. 2005. Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory. Oxford: Oxford University Press.
- MARCUS, George E., e CUSHMAN, Dick 1982. "Ethnographies as Texts". Annual Review of Anthropology 11, pp. 25-69.
- MITCHELL, John Clyde. 1969. "The concept and use of social networks". In ____ (ed) Social Networks in Urban Situations. Analyses of personal relationships in Central African Towns. Manchester: Manchester University Press, pp. 1-50.
- MOORE, Henrietta L. (ed). Anthropological theory today. Cambridge: Polity, p.262-279.
- ORTNER, Sherry B. 1984. Theory in Anthropology Since the Sixties. Comparative Studies in Society and History 26 (1): 126-66.
- RABINOW, Paul. 1999. Antropologia da Razão. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- SAHLINS, Marshall. 1985. Islands of history. Chicago, Univ. of Chicago Press.
- _____. 1997. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I e II). Mana 3:41-74.
- SAID, Edward W. 1977. Orientalism. London: Penguin
- _____. 2003 "A representação do colonizado. Os interlocutores da Antropologia" In: Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, p.114-136.
- SCHNEIDER, David M. 1968. American Kinship: A Cultural Account. New Jersey: Prentice Hall
- STRATHERN, Marilyn. 1990. The Gender of the Gift: Problems with Women and Problems with Society in Melanesia. Chicago: Califórnia Press.
- _____. 2014. O efeito etnográfico. São Paulo: CosacNaify
- STUART, Hall. Identidade cultural na pós-modernidade. Edit. DP&Editora.
- TODOROV, Tzvetan. Nós e os outros: A reflexão francesa sobre a diversidade humana – 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- TOREN, Cristina. 1999. Mind, Materiality and History: Explorations in Fijian Ethnography. London/New York: Routledge
- TURNER, Victor. O Processo Ritual. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 2002. A inconstância da alma selvagem. São Paulo: CosacNaify.
- WAGNER, Roy. 1975. The invention of Culture. Chicago: The University of Chicago Press.

WHITE, William Foote 1973 - Street Corner Society. The Social Structure of an Italian Slum. Chicago/London, The University of Chicago Press, Appendix. pp. 279-358.

Nome: Métodos de Pesquisa em Antropologia

Créditos: 4

Área de Concentração: Antropologia

Obrigatória: sim

Ementa: Métodos de pesquisa antropológica. Análise da prática do trabalho de campo, da observação participante, das técnicas que compõem a prática da pesquisa e da produção do texto etnográfico. Etapas de construção do projeto de pesquisa. Construção do objeto, referenciais teórico-conceituais.

Bibliografia:

BECKER, Howard S. 1994 – *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo, Editora Hucitec.

BERREMAN, Gerald D. 1975 - Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar, org. *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, pp. 123-174.

BOURDIEU, Pierre. 1983 – *Questões de sociologia*. São Paulo, Marco Zero.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *O trabalho do antropólogo: Olhar, Ouvir e Escrever*, in *Revista de Antropologia*, vol.39,n.1, 1996.

CLIFFORD, J; MARCUS, G.E. *Writing Culture. The Poetics and Politics of Ethnography*. Bekerley and Los Angeles: University of California Press, 1986.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. Antropologia e literatura no século XX. In: *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002 (2ª.ed)

FABIAN, Johannes. *O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto*. Petrópolis,RJ: Vozes, 2013.

EVANS-PRITCHARD, Edward E. 1978 - Apêndice IV. Algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo. In: _____. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro, Zahar Editores. p. 298-316.

_____.1978 - Trabalho de campo e tradição empírica. Antropologia aplicada. In: _____. *Antropologia Social*. Lisboa, Edições 70 pp. 105-137; p. 171-201.

_____.1969 - Social Anthropology: past and present; Anthropology and History. In: _____. *Essays in Social Anthropology*. London, Faber & Faber. pp. 13-28; 46-65.

FELDMAN-BIANCO, Bela. *Antropologia das sociedades contemporâneas*. Métodos. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

FOOTE-WHYTE, William. Cap.3 treinando a observação participante. In: Alba Zaluar Guimarães (Org.), *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A.

GEERTZ, Clifford. 1978 - Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa; Uma descrição densa: por uma teoria interpretiva da cultura. In: _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar Editores. p. 278-321; 13-41.

_____.1983 - From the native's point of view: on the nature of anthropological understanding. In: _____. *Local Knowledge; further essays in interpretive anthropology*. New York, Basic Books. p. 55-70

_____.1988 - Anti Anti-Relativismo *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 8 (3): 5-19. 1989

_____.1989 "Estar lá, escrever aqui", *Diálogo*, 22 (3): 58-63.

GOLDMAN, M. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. *Revista de Antropologia*, São Paulo (USP), 2003, v.46 nº2.

GOLDMAN, Marcio. Antropologia contemporânea, sociedades complexas e outras questões Anuário antropológico/93. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

JACOBSON, David. Reading Ethnography. New York: State University of New York Press, 1991.

MAGNANI, J.G.C. Etnografia como prática e experiência. Horizontes Antropológicos, porto Alegre, ano 15, nº 32, 2009.

MALINOWSKI. B. Cap.1 Tema, método e objetivo desta pesquisa. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1984 (3ª. edição Os Pensadores)

_____.1978 - "Prólogo"; Agradecimentos; Introdução. Tema, método e objetivo desta pesquisa. In: --. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato dos empreendimentos e da aventura dos nativos nos arquipélogos da Nova Guiné melanésia. 2a. ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978. pp. 11-34.

_____.1935 - Preface; The method of field-work and the invisible facts of native law and economics; Land tenure; An ethnographic theory of language and some practical colloraries. In_____.Coral gardens and their magic. A study of the methods of tilling the soil and agricultural rites in the Trobriand Islands. London, George Allen & Unwin Ltd. V.I., pp. IXXII; 317-381; V. II, pp. 4-74.

MARCUS, George. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. Annual Review of Anthropology, Vol. 24 (1995), pp. 95-117.

MARCUS, George E. & FISCHER, Michael M.J. 1986 Anthropology as cultural critique. An experimental moment in the Human Sciences. Chicago/London, The University of Chicago Press.

NADER, L. 1972 – Up the anthropologist: perspectives gained from studying u In: HYMES, D., ed. – Reinventing anthropology. New Yok, Random House.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de & RUBEN, Guillermo Raul, orgs. 1995 – Estilos de antropologia.Campinas, Editora da Unicamp.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. 1997 – Sobre o pensamento antropológico. 2a. ed.. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. 2004 – Pluralizando tradições etnográficas: sobre um certo mal-estar na antropologia In: LANGDON, Esther Jean & GARNELO, Luiza (org). Saúde dos povos indígenas: reflexões sobre uma antropologia participativa. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, pp. 32.

PEIRANO, Marisa. A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

_____.Etnografia não é método. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n.42, jul. /dez. 2014.

STRATHERN, M. cap.4: os limites da autoantropologia; cap.12: o efeito etnográfico. In_____.O efeito etnográfico. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.

URIARTE, U.M. O que é fazer etnografia para os antropólogos. Ponto Urbe 11, São Paulo, (NAU-USP) 2012.

Nome: Estágio Docência

Créditos: 4

Área de Concentração: Antropologia

Obrigatória: sim

Ementa: Observar, interpretar e experienciar a prática docente de ensino da Antropologia. Discutir o planejamento e a construção do Programa da disciplina, além de observação da didática, das relações em sala de aula e da experiência em docência na presença do titular da mesma.

Bibliografia:

ALMEIDA, Maria I; PIMENTA, Selma G. Pedagogia universitária: Valorizando o ensino e a docência na universidade. *Revista Portuguesa de Educação*, 27 (2), 2014.

CARVALHO MOURA, Elaine Cristina; CARVALHO MESQUITA, Lúcia de Fátima Estratégias de ensino-aprendizagem na percepção de graduandos de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, vol. 63, núm. 5, septiembre/octubre, 2010, pp. 793-798.

FERREIRA, Jociene Carla Bianchini. DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA: elementos norteadores da prática pedagógica no curso de Jornalismo. *Revista Iberoamericana de Educación*, 37 (3) 1-7, 2005.

GROISMAN, Alberto. Ensino de Antropologia em “outros cursos”. In: GROSSI, Miriam Pillar; TASSINARI, Antonella; RIAL, Carmen (Org.), *Ensino de antropologia no Brasil. Formação, práticas disciplinares e além fronteiras*. Blumenau: Nova Letra, 2006.

PEIRANO, Mariza. Um ponto de vista sobre o ensino da antropologia. In: GROSSI, Miriam Pillar; TASSINARI, Antonella; RIAL, Carmen (Org.), *Ensino de antropologia no Brasil. Formação, práticas disciplinares e além fronteiras*. Blumenau: Nova Letra, 2006.

RODRIGUES, Lea Carvalho. *Rituais na Universidade. Uma etnografia na Unicamp*. Campinas: CMU/Unicamp, IFCH/Unicamp, 1997.

SCHAWADE, Elisete. Ensino de antropologia e formação de antropólogos: cursos de especialização e mestrado profissionalizante. In: GROSSI, Miriam Pillar; TASSINARI, Antonella; RIAL, Carmen (Org.), *Ensino de antropologia no Brasil. Formação, práticas disciplinares e além fronteiras*. Blumenau: Nova Letra, 2006.

BESERRA, Bernadete; LAVERGNE, R. F. *Racismo e Educação no Brasil*. Recife: Editora da UFPE. 2018.

BESERRA, Bernadete; LAVERGNE, R. F. Etnografando a sala de aula: contribuições da antropologia à formação de professores. *Revista Antropológicas*. Ano 20, 27(1):72-101, 2016,

BESERRA, Bernadete. *A construção do olhar antropológico na formação docente*. Textos FCC, São Paulo. 2016.

CASTANHO, M. E. L. M. A criatividade na sala de aula universitária. In: VEIGA, I. P. A.; CASTANHO, M. E. L. M. (Orgs.). *Pedagogia Universitária: a aula em foco*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2001. p. 75-89.

CUNHA, M. I. da. Diferentes olhares sobre as práticas pedagógicas no ensino superior: a docência e sua formação. *Educação*, v.54, n.3, p.525-36, 2004.

CUNHA, A. M. de O.; BRITO, T. R.; CICILLINI, G. A. Dormi aluno (a)... Acordei professor (A): Interfaces da Formação para o Exercício do Ensino Superior. In: 29ª Reunião Anual da Anped. GT 11- Política e Educação Superior. Caxambu, 15-18 de out. 2006.
<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT11-2544--Int.pdf>

FERNANDES, Florestan. *A escola e a sala de aula. O Desafio Educacional*. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1989.

GROSSI, Miriam; TASSINARI, Antonella; RIAL, Carmen. *Ensino de Antropologia no Brasil: Formação, práticas disciplinares e além fronteiras*. Florianópolis: Nova Letra, 2006.

MARTINS, P. L. O. *Didática Teórica/Didática Prática: para além do confronto*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

Nome: Dissertação

Créditos: 6

Área de Concentração: Antropologia

Obrigatória: sim

Ementa: Redação da dissertação de mestrado

Bibliogografia: pertinente a cada trabalho individual

Optativas

Linha de pesquisa 1 – Disciplinas de 4 créditos

Nome: Antropologia da Religião

Créditos: 4

Área de Concentração: Antropologia

Obrigatória: não

Ementa: A religião como 'objeto' antropológico: perspectivas epistemológicas; Evolucionismo e religião; A antropologia moderna e a religião como fenômeno coletivo; Religião, ciência e magia; Religião, poder e tradições culturais; Movimentos emergentes; Religião, política e espaço público; Pluralismo religioso, secularismo e destradicionalização; Sincretismos e teorias da passagem; Globalização e transnacionalização; Performance e curas milagrosas; Diversidade religiosa; Religião, corpo e pessoa; Religião, gênero e sexo; Etnografia e ética na pesquisa em religião.

Bibliografia:

ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. Cadernos de campo. São Paulo: USP, v. 19, 2010.

ASAD, Talal. Formation of secular: christianity, islam, modernity. Stanford: Stanford University Press, 2003.

BATAILLE, Georges. Teoria da Religião. São Paulo: Ática, 1993, p. 19-49.

BELA, Robert. Civil Religion in America. In W. McLoughlin & R. Bellah (ed.). Religion in America. Boston: Beacon Press, 1968, pp. 3-23.

BINOCHÉ, Bertrand. Religion privée, opinion publique. Paris. Librairie Philosophique J. Vrin, 2012.

BIRMAN, Patrícia. Cultos de possessão e pentecostalismo no Brasil: passagens. In: Religião e Sociedade, v. 17, n. 1-2. Rio de Janeiro: ISER, 1996.

BIRMAN, Patrícia. Transas e transes: sexo e gênero nos cultos afro-brasileiros, um sobre vôo. Revista de Estudos Feministas. Florianópolis, 13 (2), 2005.

BOURDIEU, Pierre. "A crença e o corpo" in: O senso prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BOURDIEU, Pierre. "Sociólogos da crença e crenças de sociólogos". In: Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 108-113.

BUTLER, I. Is Judaism Zionism? In: BUTLER, J. Et al (Org). The power of religion in the public sphere. Columbia/ SSRRC Book, 2011.

CALHOUN, Craig. Afterword: religion's Many Powers. In: BUTLER, J. Et al (Org). The power of religion in the public sphere. Columbia/ SSRRC Book, 2011.

CASANOVA, José. Public religion in the modern world. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros. O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

COUTO, M. T. O pluralismo religioso intrafamiliar e as transformações recentes nos campos da família e da religião. In.: Teoria & Sociedade, Revista dos Departamentos de Ciência Política e de Sociologia e Antropologia da UFMG, Belo Horizonte: MG, Número 08, 78-97, 2001.

CSORDAS, Thomas. Corpo, significado, cura. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

DOUGLAS, Mary. As lágrimas de Jacó: o trabalho sacerdotal de reconciliação. São Paulo: Loyola, 2004.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Ethos privado e modernidade: o desafio das religiões entre indivíduo, família e congregação. In: Duarte ET al. Família e religião. Rio de Janeiro: Contracapa, 2006.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EVANS PRITCHARD, E.E. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande, RJ: Zahar, 1978.

EVANS-PRITCHARD, E. Antropologia social da religião. Rio de Janeiro: Campus LTDA, 1978.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Les mots, la mort, les sorts: la sorcellerie dans le bocage. Gallimard, 1977

GEERTZ, Clifford. O beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder. Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GELNER, Ernest. Pós-modernismo, razão e religião. São Paulo: Instituto Piaget, 2010.

GIUMBELLI, Emerson. O fim da religião: dilemas de liberdade religiosa no Brasil e na França. São Paulo: Attar Editorial, 2002.

GOLDMAN, Márcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos: etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. Revista de Antropologia, v. 46, n. 42. São Paulo: USP, 2003.

HALE, Lindsay. Preto Velho: Resistance, Redemption, and Engendered Representations of Slavery in a Brazilian Possession-Trance Religion. American Ethnologist 24 (2), 1997, p. 392-414.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. O peregrino e o convertido: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

LATOUR, Bruno. Não congelarás a imagem ou como não desentender o debate ciência-religião. Mana. Volume 10, número 2. Rio de Janeiro: PPGAS/MN, 2004.

MAFRA, Clara. Na Posse da Palavra. Religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

MAGGIE, Yvonne. Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito. Zahar. Eds. 2001 [3. ed. Reivista].

MAUSS, Marcel e HUBERT, Henri. Esboço de uma teoria geral da magia. Sociologia e Antropologia. São Paulo: COSAC-NAIFY, 2003.

MAUSS, Marcel e HUBERT, Henri. Sobre o Sacrifício [1899]. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MAUSS, Marcelo. Ensaio sobre a prece. Ensaio de sociologia. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MAYBLIN, Maya. Gender, catholicism and moralidade in Brazil. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

MONTERO, Paula. Controvérsias dos cultos, pluralismo e movimentos anti-culto: “abuso espiritual” como denúncia. In: MONTERO, Paula (Org.). Religiões e controvérsias públicas. São Paulo: Editora Unicamp/ Terceiro Nome, 2015.

NOVAES, Regina. Errantes do novo milênio: salmos e versículos bíblicos no espaço público. In: Birman, Patrícia (org.) Religião e Espaço Público. São Paulo: Attar/CNPq/Pronex, 2003, p. 25-39.

SANCHIS, Pierre. Pra não dizer que não falei de sincretismo. Comunicações do ISER, n.45, sem data.

SEGATTO, Rita. Um paradoxo do relativismo. O discurso racional da antropologia frente ao sagrado. Religião e Sociedade, n. 16, v. 1-2. Rio de Janeiro: ISER, 1992, pp 114-135.

SILVA, Vagner. Concepções religiosas afro-brasileiras e neopentecostais: uma análise simbólica. Revista USP, n. 67, São Paulo: USP, 2005.

SPERBER, Dan. As crenças aparentemente irracionais. In: O saber dos antropólogos. Lisboa: Edições 70, 1992

TAUSSIG, Michael. Transgression. M. Taylor (org.). Critical Terms for Religious Studies. Chicago: The University of Chicago Press, 1997, p. 349-364.

TAYLOR, Charles. A secular age. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

TAYLOR, Charles. Why we need a radical redefinition of secularism. In: BUTLER, J. Et al (Org). The power of religion in the public sphere. Columbia/ SSRC Book, 2011.

TURNER, Victor. Dramas, fields and metaphors: Symbolic action in human society. Ithaca: Cornell University Press, 1974.

TURNER, Victor. The Forest of Symbols: Aspects of Ndembu Rituals, Ithaca: Cornell University Press, 1967.

VITAL, Christina. Oração de traficante: uma etnografia. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

WEBER, Max. A psicologia social das religiões mundiais. Ensaio de sociologia. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

WEST, H. G. Belief as Metaphor. In: WEST. H. Ethnographic Sorcery. Chicago: Chicago University Press, 2007.

WOLKOMIR, Michelle. Emotion Work, Commitment, and the Authentication of the Self. Journal of Contemporary Ethnography, Vol. 30 n.3 Junho, 2008, p. 305-334.

Nome: Narrativas e Memórias

Créditos: 4

Área de Concentração: Antropologia

Obrigatória: não

Ementa: Narrativas e Memórias como “objetos” antropológicos: usos sociais, culturais e políticos da categoria “memória” em diferentes contextos históricos; distintas mnemotécnicas e formas de inscrição; os significados e as funções das categorias “tempo”, “espaço” e “pessoa”; os planos simbólicos, epistêmicos e pragmáticos das narrativas; a percepção dos espaços e dos cosmos a partir de mnemotécnicas (expressas em narrativas orais, escritas, assim como em suportes imagéticas e artefactuais).

Bibliografia:

ARANTES, Antonio A. (org.). O espaço da diferença. Campinas, Papirus 2000. ARGAN, Giulio Carlo História da arte como história da cidade. Ed Martins Fontes, 1992. São Paulo. ARIÈS. Ph. L’homme devant la mort. Paris, Ed. Du Seuil, 1977. ASSMAN, A. Cultural memory and western civilization: functions, media, archives. Cambridge University Press. Cambridge. 2011. BANN, S. As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado, São Paulo, Unesp, 1994. BEAUJOUR, M. Miroirs d’ence: rhétorique de l’autoportrait, Paris, Ed du Seuil, 1980. BENJAMIN, W. Obras escolhidas, São Paulo, Brasiliense, 1986. BONHOMME, Julien. (2005). Le miroir et Le crâne. Parcours initiatique du Bwete Misoko (Gabon). Paris: CNRS Editions. BOURDIEU, Pierre “La maison ou le monde renversé” In: Esquisse d’une théorie de la pratique. pp. 45-59. 1972. Librairie DROZ, Genève. Paris. CANDAU, J. Anthropologie de la mémoire, Paris, Coll. Que Sais-je ?, PUF, 1996. CHOAY, Françoise Pour une anthropologie de l’espace. 2006. Seuil. Paris.

COLE, J. The work of memory in Madagascar. American Ethnologist. Vol. 25, No. 4 1998

DETIENNE, M. Os mestres da verdade na Grécia Arcaica, Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

FABIAN, J. Time and the other. How anthropology makes its object. New York: Columbia University Press. 1983

FENTRESS, J.; Wickham, C. Memória Social, Lisboa, Teorema, 1994.

FORTY, A.; Küchler, S. (Eds.) The Art of Forgetting. Oxford. New York. Berg. 1999.

FUSSEL, P. The great war and modern memory, London, Oxford University Press, 1975.

GELL, A. *The Anthropology of Time*. London: Berg, 1996. GILLIS, J. R. (ed.) *Commemorations: the politics of national identity*, Princeton, Princeton University Press, 1994. GONÇALVES, J.R.S. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*, Rio de Janeiro, Ed. da UFRJ, 2ª ed., 2003. GONDAR, J & DODEBEI, V. *O que é memória social*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

GOODY, Jack. (1961). *Religion and Ritual: the definitional problem*. In *The British journal of sociology*. (12-1).

_____. (1977). *Against 'Ritual': Loosely Structured Thoughts on a Loosely Defined Topic*. *Secular Ritual*. S. Moore and B. Myerhoff. Assen, Van Gorcum.

_____. (1977b) *The domestication of the savage mind*. *Themes in the social sciences*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.

GRAEBER, D. "Painful Memories". *Journal of religion in Africa*, v. 27: 1997. HALBWACHS, M. *A memória coletiva*, Rio de Janeiro, Vértice, 1990. HALL, Edward H. *A dimensão oculta*. 1989. Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro.

HOUSEMAN, Michael & SEVERI, Carlo. (1998). *Naven or the other self. A relational approach to ritual action*. Boston: Brill. HUTTON, P. *History as an art of memory*. Hanover, University of Vermont, 1993. HUYSSSEN, A. *Twilight memories: marking time in a culture of amnesia*, New York, Routledge, 1995. _____. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro. Aeroplano Editora. 2004. INGOLD, Tim *The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling and skill*. 2000. Routledge, London.

JAKOBSON, Roman. (1963). *Essais de Linguistique Générale*. Paris, Minuit. KOSELLECK, R. *L'expérience de l'histoire*, Paris, Gallimard, 1997.

_____. *Los estratos del tiempo: estudios sobre La historia*. Barcelona: Ediciones Paidós. 2000

LAMBEK, M. *Tense Past*. London, New York: Routledge. 1996. LEGOFF, J. *História e memória*, Campinas, Ed. da Unicamp, 1992. LURIA, A. R. *The mind of a mnemonist: a little book about a vast memory*, Cambridge, Harvard University Press, 1968. MATSUDA, M. K. *The memory of the modern*, New York, Oxford, University Press, 1996.

MONOD-BECQUELIN, Aurore. & ERIKSON, Philippe. (2000) *Les rituels du dialogue: promenades ethnolinguistiques en terres amerindiennes*. *Recherches Thématiques*, 6. Nanterre: Société d'ethnologie. POLLAK, M. *L'expérience concentrationnaire*. Éditions Métailié. Paris. 2000. POMIAN, K. *L'ordre du temps*. Paris, Galimard, 1984.

RAPPOPORT, Roy. (1979). "The obvious aspects of ritual". *Ecology, Meaning, and Religion*. Berkeley, CA: North Atlantic.

REVEL, J. *Jogos de Escalas*. Rio de Janeiro: F. Getúlio Vargas 1998. RICOEUR, P. *La mémoire, l'oubli, l'histoire*, Paris, Ed. Du Seuil, 1997. SANTOS, M. S. *Memória e Teoria Social*, Rio de Janeiro, FAPERJ/DPA, 2003. SCANLAN, J. *Memory: encounters with the strange and the familiar*. Reaktion Books. London. 2013. SELIGMAN-Silva, M. (org.), *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*, Campinas, Ed. da Unicamp, 2003.

SEVERI, Carlo. (1993) "Talking about souls: the pragmatic construction of meaning in Cuna ritual language". In. BOYER, Pascal. *Cognitive aspects of religious symbolism*. NY: Cambridge University Press.

_____. (2007). *Le principe de la chimère : Une anthropologie de la mémoire*. *Aesthetica*, Paris: ENS-MQB.

_____. (2009). "L'univers des arts de la mémoire. Athropologie d'un artefact mental". *Annales HSS*. N°2, pp, 463-493.

TAMBIAH, Stanley. (1985). *Culture, Thought, and Social Action. An Anthropological perspective*. London: Havard University Press. TERDIMAN, R. *Present past: modernity and*

the memory crisis, Ithaca, Cornell University Press, 1993. WEINREICH, H. Lete. Arte e crítica do esquecimento. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 2001.

VERNANT, J.-P. Mito e Pensamento entre os Gregos, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990. YATES, F, The art of memory, Penguin Books, 1966. YATES, F. A arte clássica da memória. Campinas. Editora Unicamp. 2007.

Nome: Antropologia da Arte

Créditos: 4

Área de Concentração: Antropologia

Obrigatória: não

Ementa: Panorama do debate antropológico sobre arte, retomando uma perspectiva crítica sobre as abordagens do tema na história da disciplina: as perspectivas culturalista, funcionalista, estruturalista; a crítica realizada pela antropologia interpretativa à semiótica; a antropologia da performance; o estruturalismo figurativo-formal e os estudos do imaginário; a crítica pós-moderna; a sociologia da arte; a articulação contemporânea entre arte, agência e alteridade; a relação entre antropologia e imagem através da antropologia visual; as relações entre patrimônio cultural (material e imaterial) e antropologia.

Bibliografia:

APPADURAI, Arjun. 1986. (Org). The Social Life Of Things: Commodities In Cultural Perspective. Cambridge, England: Cambridge University Press.

ASCH, Timothy; Marshall, John; Spier, Peter. 1973. Ethnographic filme: structure and function. Annual Review of Anthropology, 2:179-187. AUSTIN, J.L. 1986 (1955). How to do things with words. Oxford: Oxford University Press

BARCELOS NETO, A. 2008. Apapaatai: Rituais De Máscaras No Alto Xingu. São Paulo: Edusp.

BARSAM, Richard. 1992. Non-fiction film: a critical history. Bloomington, Indiana University Press

BELTING, HANS. 1994. Likeness And Presence. Chicago: University Of Chicago Press. BOAS, FRANZ. (1928) 1955. Primitive Art. New York, Dover publications. BOURDIEU, Pierre. 1979.

La distinction. Critique sociale du jugement . Paris: Minuit. CAILLOIS, Roger. 1974. Approches de l'imaginaire. Paris, Editions Gallimard

CAIUBY NOVAES, Sylvia et alii (orgs). 2004. Escrituras da imagem. São Paulo, Edusp

CAIUBY NOVAES, Sylvia et alii (orgs). 2005a. O imaginario e o político nas Ciências Sociais. São Paulo, Edusc

COOTE, J. And A. Shelton (eds.).1992. Anthropology, Art and Aesthetics. Oxford, Clarendon presscosta

CRAWFORD, I.; Turton, D. 1992 (orgs). Film as Ethnography. Manchester, Manchester University Press.

DANTO, Arthur. 1981. The Transfiguration Of The Commonplace. Harvard Univ. Press.

DERRIDA, Jacques. 2002. Gramatologia. São Paulo: Perspectiva

DELEUZE, Gilles. 2005. A imagem-tempo. Cinema 2. São Paulo, Brasiliense. FELDMAN-

BIANCO, Bela; Leite, Miriam M. 1998. Desafios da imagem. Fotografia, iconografia e vdeo nas Ciências Sociais. Campinas, Papirus. FOSTER, Mary lecron. 1994. "Symbolism: The Foundation of Culture," in Companion encyclopedia of anthropology. Edited by T. Ingold. London; New York: Routledge.

FOUCAULT, Michel. 1988. Isto Não É Um Cachimbo. Rio De Janeiro: Paz E Terra.

FREEDBERG, David. 1989. The Power Of Images: Studies In The History And Theory Of Response. Chicago: University Of Chicago Press.

GAMBONI, D. 1997. *The Destruction of Art: Iconoclasm and Vandalism Since The French Revolution*. London, Reaktion Books.

Geertz, Clifford. 1998. "A arte como um sistema cultural". In *O Saber Local*: 142-181. Petrópolis: Editora Vozes.

Gell, Alfred. 1998. *Art and Agency. An Anthropological Theory*. Oxford: Clarendon Press.

Gell, Alfred. 1993. *Wrapping in Images. Tattooing in Polinesia*. Oxford, Clarendon Press.

_____. 1999. *The Art Of Anthropology*. London: The Athlone Press.

Gow, 1999. "Piro designs: Painting as meaningful action in an amazonian lived world.". In *JRAI*, vol.5. Pp.229-246.

Guss, David. 1989. *To weave and sing. Art, symbol and narrative in the South American Rain Forest*.

Hanks, W. F. 2000. *Intertexts : Writings On Language, Utterance, And Context*. Lanham, Md., Rowman & Littlefield.

Hockings, Paul. (org.) *Principles of Visual Anthropology*. New York, Mouton de Gruyter

Ingold, Tim. 2000. *The perception of the environmen : essays on livelihood, dwelling and skill* . London & New York: Routledge.

Jakobson, R. (Linguística, Poética E Cinema. São Paulo: Perspectiva.

_____. (1976) *Six Leçons Sur le Son et le Sens*. Paris: Minuit.

_____. (1979) *O Que É A Poesia?* In: *Círculo Linguístico De Praga: Estruturalismo E Semiologia*. Porto Alegre: Globo.

Lagrou, Els. 2007. *A Fluidez da Forma. Arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre)*. Latour, Bruno. *Petite réflexion sur l'ê culte moderne des dieux faitiches*. MacDougall, David. 1998. *Transcultural cinema*. Editado por Lucien Taylor. Princenton, Princeton University Press

Marcus, George & Myers, Fred. *The traffic in Culture. Refiguring art and anthropology*. "The traffic in art and culture: an introduction": 1-55.

MARTINS, J; ECKERT, C; NOVAES, S. (org.) *O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais*. Bauru, SP, EDUSC, 2005.

Miller, Daniel. 2005. *Materiality*. Durham, N.C.: Duke University Press.

Morphy, H. e Banks, M. (orgs.). *Rethinking visual anthropology*. New Haven, Yale University Press

Müller, Regina Polo. 1992. "Tayngava, a noção de representação na arte gráfica Asuriní do Xingu", in *Grafismo indígena* :231-248. Vidal (ed.) *Monte-Mr, P. e Parente, J.I. (orgs.)*. 1994. *Cinema e Antropologia: horizontes e caminhos da Antropologia Visual*. Rio de Janeiro, Interior Produes Edies. Pp. 9-29

Piault, Colette. 1996. *Parole interdite, parole sous contrle...* In: *Predal, Rene. Jean Rouch ou le cine-plaisir*. *CinemAction*, 81:140-147

Pinney, Christopher. *Beyond Aesthetics. Art and the Technologies of Enchantment*. Oxford, New York: Berg. Pp. 157-179.

Price, Sally. 2000. *Arte primitiva em centros civilizados*. Ed. UFRJ.

Severi, Carlo. 2007. *Le Principe De La Chimère: Une Anthropologie De La Mémoire*. Paris: Aesthetica / Presses De l'école Normale Supérieure.

Taussig, Michael. 1993. *Mimesis and Alterity. A Particular History of the Senses*. New York/London: Routledge. Chapters 1 a 9. Pp. 1-128.

Thomas, Nicholas. 1991. *Entangled Objects: Exchange, Material Culture, And Clonialism In The Pacific*. Cambridge, Mass: Harvard University Press.

Turner, Victor. 1968. *The Drums Of Affliction: A Study Of Religious Processes Among The Ndembu Of Zambia*. Oxford: Clarendon Press.

Vernant, Jean-Pierre (1990). *Figures, Idoles, Masques*. Paris: Julliard.

Vidal, Lux Boelitz. 1992. "A pintura corporal e a arte gráfica entre os Kayapó-Xikrin do Cateté". In *Grafismo indígena*. In *Grafismo Indígena, Estudos de Antropologia Estética*. São Paulo: Studio Nobel, Fapesp, Edusp. Pp. 143-189.

Xavier, I. (org.) 1993. *A Experiencia do Cinema*. Rio de Janeiro, Graal.

Nome: Antropologia Urbana

Créditos: 4

Área de Concentração: Antropologia**Obrigatória: não**

Ementa: A cidade como objeto de investigação antropológica: lugar do vivido, da experiência e da memória, onde se forjam múltiplas identidades e se entrecruzam diferentes fluxos de pessoas e coisas; lugar de criatividade, conflitos e disputas. O que as etnografias expressam sobre o urbano; narrativas sobre a cidade.

Bibliografia:

Abu-Lughod, J. *Changing Cities: Urban Sociology*. Harpercollins College Div. 1991. New York, Chicago, Los Angeles: America's Global Cities. University of Minnesota Press. 2000.

AGIER, Michel. *L'invention de la Ville. Banlieus, townships, invasions et favelas*. Paris: EAC, 1999.

AGIER, Michel. *Encontros etnográficos: interação, contexto, comparação*. São Paulo: Ed.Unesp; Alagoas: EDUFAL, 2015.

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações e movimentos*. São Paulo: e. Terceiro Nome, 2011.

ARANTES, Antonio Augusto. *Paisagens paulistas: transformações do espaço público*. SP: Ed. UNICAMP, 2000. AUGÉ, Marc. *Não Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

CAIAFA, Janice. *Aventura das cidades: ensaios e etnografias*. RJ: Ed. FGV, 2007)

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed. 34: EDUSP, 2003.

CASTRO, Mary Garcia. *Transidentidades no local globalizado. Não identidades, margens e fronteiras: vozes de mulheres latinas nos EUA*. In *Identidades: estudos de cultura e poder*. São Paulo: Hucitec, 2000. (p.149-175)

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. RJ: Ed. Vozes, 2008.

FRUGÓLI JR. Heitor. *O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia*. Revista de antropologia, São Paulo, USP, 2005, V. 48 Nº 1.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. *Os filhos da África em Portugal: antropologia, multiculturalidade e educação*. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

HAESBART, Rogério. *Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção*. RJ: Bertrand Brasil, 2014.

HANNERZ, Ulf. *Explorando a cidade. Em busca de uma antropologia urbana*. Petrópolis: Vozes, 2015.

LEFEBVRE, Henri. *Espacio y política: El derecho a La ciudad II*. Barcelona: Ediciones Península, 1976.

LIGIÉRO, Zéca (org.). *Performance e antropologia de Richard Schechner*. RJ: Mauad X, 2012.

LEFEBVRE, Henri. Prefácio. In: _____. *A produção do espaço*. Estudos Avançados, 27 (79), 2013, p. 123-132.

LOW, Setha. *On the Plaza. The Politics of Public Space and Culture*. Austin, University of Texas Press, 2000.

MAGNANI, J.C.C. *Na MetrÓpole: textos de antropologia urbana*. SP: EdUSP : FAPESP, 2000.

MASSEY, Doreen. *Space, Place, and Gender*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1994.

PARK, Robert Ezra. *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. In: VELHO, Gilberto. *O fenômeno urbano*. RJ: Zahar Editores, 1967.

SIMMEL, G. *A metrÓpole e a vida mental*. In: *O FenÓmeno Urbano*. RJ: Zahar Editores, 1967.

SCHILLER, Nina Glick; Çaglar, Ayse. *Locating Migration: Rescaling Cities and Migrants*. Ithaca: Cornell University Press, 2011.

WHYTE, William Foote. Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

Nome: Antropologia dos Rituais e da Performance

Créditos: 4

Área de Concentração: Antropologia

Obrigatória: não

Ementa: O estudo dos rituais em suas múltiplas dimensões: como forma simbólica de comunicação, como expressão metafórica das relações e tensões sociais, como espaço da teatralidade e da performance. A Performance como expressividade individual e coletiva da experiência, como síntese dialógica da relação entre estrutura e ação, como instância de constituição e de transformação.

Bibliografia:

AUSTIN, J. J. Quando dizer é fazer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BATESON, Gregory. Naven. São Paulo: Edusp, 2008

DaMATTA, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAWSEY, John. Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: O lugar olhado (e ouvido) das coisas. Campos 7(2):17-25, 2006.

_____. Sismologia da performance: ritual, drama e play na teoria antropológica, Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2007, v.50, nº2. (on-line)

DURAND, Gilbert. A Imaginação simbólica. São Paulo: Cultrix : EdUSP, 1988.

DURKHEIM, E. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GEERTZ, Clifford. Negara. O Estado Teatro do século XIX, Lisboa: DIFEL, s/d.

HUGHES-FREELAND, Felicia; CRAIN, Mary Markwell. Recasting Ritual: Performance, Media, Identity. Routledge, 1998.

LANGDON, Esther Jean. Performance e sua diversidade como paradigma analítico. In: Ilha, Revista de Antropologia, vol.8, nº 1 e 2, 2008.

LIGIÉRO, Zeca (org.), Performance e antropologia de Richard Schechner. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012 (p.155-198).

MÜLLER, Regina Polo. Ritual, Schechner e performance. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 67-85, jul./dez. 2005

PEIRANO, Mariza (org.). O dito e o feito. Ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará : NUAP/UFRJ, 2002.

SCHRITZMEYER, Ana Lúcia P. Jogo, ritual e teatro: um estudo antropológico do Tribunal do Júri. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

TAMBIAH, Stanley Jeyaraja. A performative approach to ritual. In: Culture, Thought and Social Action. Harvard Univ.P, 1985 (p.123-166).

_____. Conflito etnonacionalista e violência coletiva no Sul da Ásia. RBCS, nº 34, vol.12, 1995.

_____. Leveling Crowds: ethnonationalist conflicts and collective violence in South Asia. Los Angeles: University of California Press, 1996.

_____. Os sentidos do espetáculo, Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2002, v.45, nº 1.

TURNER, Victor. Les tambours d'affliction. Analyse des rituels chez les Ndembu de Zambé. Paris: Éditions Gallimard, 1972.

_____. O processo ritual. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

_____. Dramas, campos e metáforas. Rio de Janeiro: Ed.UFF, 2008.

_____. Floresta de símbolos. Rio de Janeiro: EDUFF, 2005 (p.29-94)

_____. By means of performance. Intercultural studies of theatre and ritual. Cambridge University Press, 1990.

TURNER, Victor; BRUNER, Edward, (Eds), *The Anthropology of experience*. Urbana: University of Illinois Press, 1986.

VAN GENEPP, A. *Os ritos de passagem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

VIVEIROS DE CASTRO, Maria Laura. *O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval*. RJ: Civilização Brasileira, 1999.

Linha de pesquisa 2 – Disciplinas de 4 créditos

Nome: Política e direitos humanos

Créditos: 4

Área de Concentração: Antropologia

Obrigatória: não

Ementa: Abordagens teóricas da Antropologia no estudo da Política. Perspectivas analíticas e etnográficas na interface com os Direitos Humanos. Problematização do fazer antropológico em contextos locais e transnacionais.

Bibliografia:

AGUIAR, Marcus Pinto. *Acesso à justiça nos sistemas internacionais de proteção de direitos humanos: primeira condenação do Brasil na Corte Interamericana de Direitos Humanos - caso Ximenes Lopes x Brasil*. Rio de Janeiro: Ed Lumen Juris, 2014. BALANDIER, Georges. *Antropologia Política*. São Paulo: EDUSP/Difusão Europeia do Livro, 1969. BALANDIER, Georges. *O Poder em cena*. Brasília: UNB, 1980.

BARNES, J. A. 1987 - *Redes sociais e processo político*. In: FELDMAN-BIANCO, BARREIRA, C. *Crimes por Encomendas: violência e pistolagem no cenário brasileiro*. Rio de Janeiro: Relume/Dumará/NuAP, 1998. BEZERRA, M.O. *Corrupção: um estudo sobre o poder público e relações pessoais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume/Dumará/NuAP, 1995.

BOBBIO, Norberto. *A Era dos Direitos*. 9 edição. Rio de Janeiro: Campus, 1992. BOURDIEU, Pierre. *Poder simbólico*. Lisboa. Rio de Janeiro: DIFEL, Bertrand/ Brasil, 1989. BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas. Sobre a teoria de ação*. Campinas: Papius, 1996

BOURDIEU, Pierre. *A Força do Direito. Elementos para uma Sociologia do Campo Jurídico*. In: *O Poder Simbólico*. RJ, Bertrand Brasil, 1989 (p. 209-235).

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir. Escrever*. Brasília/São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 2000.

COMPARATO, Fábio Konder. *Rumo à justiça*. São Paulo, Saraiva, 2010. DAMATA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990. DOUGLAS, Mary. *Como as instituições pensam*. São Paulo: EDUSP, 1998. DOUGLAS, Mary. *As instituições lembram-se e se esquecem. Como as instituições pensam*. São Paulo: EDUSP, 1998. DUMONT, Louis. *O individualismo. Uma perspectiva Antropológica a ideologia Moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ELIAS, Norbert. 1994. *Introduction. A Theoretical Essay on Established and Outsider Relations*. In: ELIAS, Norbert & John SCOTSON, 1994 [1965] *The Established and the Outsiders*. London: Sage. p. XV-LII. EVANS- PRITCHARD, E & FORTES, M. *Sistemas políticos Africanos*. Lisboa: Calouste Gulbekian, 1981. EVANS- PRITCHARD, E. *Os Nuer: Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FELDMAN-BIANCO, Bela & RIBEIRO, Gustavo Lins (orgs). *Antropologia e poder: contribuições de Eric Wolf*. Brasília: EdUnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora da Unicamp. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

FERREIRA, Jaqueline. SCHUCH, Patrice (org.). *Direitos e Ajuda Humanitária: perspectivas sobre família, gênero e saúde*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2010.

FLEISCHER, Soraia. SCHUCH, Patrice. FONSECA, Claudia (org). Antropólogos em ação: experimentos de pesquisa em direitos humanos. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2007.

FONSECA, Claudia et al. (Orgs.). Antropologia, Diversidade e Direitos Humanos: diálogos interdisciplinares. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2004.

_____. Antropologia e direitos humanos 6 / organização Cláudia Fonseca ... [et. al.] - 1. ed. - Rio de Janeiro : Mórula, 2016. 280 p.

_____. e CARDARELLO, Andréa. Direitos dos Mais e Menos Humanos. In: Horizontes Antropológicos, POA, ano 5, nº 10, maio de 1999 (p.83-121).

GEERTZ, Clifford. Os Usos da Diversidade. In: Horizontes Antropológicos, POA, ano 5, nº 10, maio de 1999 (p. 13-34). GEERTZ, Clifford. Negara: o estado-teatro no século XIX. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 1991. GELLNER, Ernest. Antropologia e política: revoluções no bosque sagrado. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1997. GOLDMAN, Márcio. Como funciona a democracia: uma teoria etnográfica do poder da política. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. GOODY, Jack. A lógica da escrita e a organização da sociedade. Lisboa: Edições 70, 1987. LEACH, Edmund. Os Sistemas Políticos da Alta Birmânia. São Paulo: Edusp, 1996. SAHLINS, Marshall. Homem pobre, Grande Homem, Chefe: Tipos políticos na Melanésia e Polinésia. In: Cultura na prática. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.

MALINOWSKI, B. Crime e Costume na Sociedade Selvagem. Brasília: Editora da UnB, 2003.

NADER, Laura. Num Espelho de Mulher: Cegueira Normativa e Questões de Direitos Humanos Não Resolvidas In: Horizontes Antropológicos, POA, ano 5, nº 10, maio de 1999 (p.61-82).

NOVAES, Regina. Direitos Humanos: temas e perspectivas. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

SANTOS, Boaventura de Souza. Por uma Concepção Multicultural de Direitos Humanos. Revista crítica de ciências sociais, nº48, junho de 1997.

_____. Direitos Humanos, Democracia e Desenvolvimento/Boaventura de Sousa Santos, Marilena Chauí – São Paulo: Cortez, 2013.

SEGATO, Rita Laura. Antropologia e Direitos Humanos: Alteridade e ética no movimento de expansão dos direitos universais. *Mama* 12 (1), 207-236, 2006.

SILVA, Gláucia (org.). Antropologia Extra Muros: novas responsabilidades sociais e políticas dos antropólogos. Brasília: Paralelo 15, 2008.

SOUZA LIMA, Antonio Carlos de. (Org.). Antropologia e Direito: temas antropológicos para estudos jurídicos. Rio de Janeiro/Brasília. Contra Capa/LACED/ABA, 2012.

Schuch, Patrice. Antropologia do Direito: trajetória e desafios contemporâneos. *BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, nº. 67, 2009.

Wilson, Richard A., ed. Introduction. In *Human Rights, Culture and Context: Anthropological Perspectives*. London and Sterling, Va.: Pluto Press, 1997.

VINCENT, Joan. 1990. Locality, Region, and State. *Anthropology and Politics: Vision, Traditions, and Trends*. Tucson: The University of Arizona Press. Pp. 283-306. WEBER, Max. Política como vocação; Burocracia, O significado da disciplina. in: *Ensaio da Sociologia*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WEBER, Max. 1983 - "Los tipos de dominación"; "Comunidades étnicas"; "Las comunidades políticas"; "Dominación patriarcal y patrimonial". In: _____. *Economía y sociedad*. Mexico, Fondo de Cultura Económica, p.5-45; 170-204; 315-327; 661-694; 753-809.

Nome: Gênero, Alteridade(s) e Feminismos **Créditos: 4**

Área de Concentração: Antropologia **Obrigatória: não**

Ementa: Abordagem conceitual e metodológica sobre produção e expressões de gênero. Reflexões em perspectivas feministas das relações sociais (e de poder) em interface com as intersecções e os marcadores sociais de gênero/sexo, sexualidade/orientação sexual, raça/etnia, idade/geração e classe, considerando os contextos locais e transnacionais.

Bibliografia:

BAIROS, Luíza. Nossos Feminismos Revisitados. Estudos Feministas, Florianópolis, ano 3, nº 2, 1995.

BRAH, Avtar. Diferenças, diversidade e diferenciação. In: Cadernos Pagu. Campinas, SP, v. 26, p. 329 – 376. 2006.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil. São Paulo, Selo Negro Edições, Coleção Consciência Negra em Debate, 2011.

_____. Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de Gênero. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/em-debate/sueli-carneiro/17473>- Acesso em: outubro de 2015.

COLLINS, Patrícia Hill. Race, Class and Gender: An Anthology. ISBN 0-534-52879-1, co-edited w/ Margaret Andersen, 1992, 1995, 1998, 2001, 2004, 2007, 2010.

DAVIS, Ângela. Mulher, Raça e Classe. Tradução Livre, Plataforma Gueto, 2013.

GIACOMINI, S. Ser escrava no Brasil. Estudos Afro-Asiáticos, v. 15, p. 145-170, 1988.

GOMES, Nilma Lino. A mulher negra que vi de perto - o processo de construção da identidade racial de professoras negras. 2a. ed. Belo Horizonte: Mazza, 1995. v. 1. 128p.

_____. Sem perder a raiz. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 416p.

_____. SILVA, Michele Lopes da. A diferença entre os diferentes: mulheres negras em movimento. In: SOARES, L.; SILVA, I.O. (Org.). Sujeitos da educação e processos de sociabilidade: os sentidos da experiência. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 125-149.

GONÇALVES, Ana Maria. Um defeito de cor. Rio de Janeiro. Record, 2014.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel, T., org. O lugar da mulher; estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro, Graal, 1982. 146p. p. 87-106. (Coleção Tendências, 1.).

_____. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antônio Machado et alii. Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Brasília, ANPOCS, 1983. 303p. p. 223-44. (Ciências Sociais Hoje, 2.).

_____. O terror nosso de cada dia. Raça e Classe. (2): 8, ago/set 1987.

_____. As amefricanas do Brasil e sua militância. Maioria Falante. (7): 5, maio/jun. 1988.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. Estudos Feministas, ano 3, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16465/15035>. Acesso em: outubro de 2015.

_____. Alisando o nosso cabelo. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Retirado do blog coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-o-nossocabelo.html Acesso em: outubro de 2015.

SILVA, Cidinha da. Oh, margem! Reinventa os rios!. São Paulo: Selo Povo, 2011.

_____. Racismo no Brasil e afetos correlatos. Conversê Edições, 2013.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientação sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. Brasília: Autor, 2012.

LANDES, R. A cidade das mulheres. Trad. Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MADEIRA, Maria Zelma de Araújo. A maternidade simbólica na religião afro-brasileira: aspectos socioculturais da mãe-de-santo na umbanda em Fortaleza/Ceará. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFC. Tese de doutorado, 2009.

MOREIRA, Núbia Regina. A organização das feministas negras no Brasil. Vitória da Conquista: Ed. UESB, 2011.

MOUTINHO, L. Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul. São Paulo: UNESP, 2004.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. O quilombo do Jabaquara. Revista de Cultura Vozes (maio-junho), 1978.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

PACHECO, Ana Claudia Lemos. Mulher Negra: afetividade e solidão. 1. ed. SALVADOR: EDUFBA, 2013. v. 1. 381p.

PELÚCIO, Larissa. Marcadores sociais da diferença nas experiências travestis de enfrentamento à AIDS. Saúde e Sociedade. São Paulo, v. 20, n. 1, p. 76 – 85, 2011.

PEREIRA, Amauri Mendes. Trajetória e Perspectivas do Movimento Negro Brasileiro. Rio de Janeiro, Nandyala, 2008.

PEREIRA, Edilene machado & RODRIGUES, Vera. O Amor não tem Cor?! Gênero e Raça/Cor na Seletividade Afetiva de Homens e Mulheres Negros (as) na Bahia e no Rio Grande do Sul. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) - ABPN, v. 1, p. 157-181, 2010.

PELÚCIO, Larissa. Marcadores sociais da diferença nas experiências travestis de enfrentamento à AIDS. Saúde e Sociedade. São Paulo, v. 20, n. 1, p. 76 – 85, 2011.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidade, categorias de articulação e experiência de migrantes brasileiras. In: Sociedade e Cultura. vol. 11, no. 2, Jul/Dez, 2008, p. 263 – 274.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. In: Revista Bagoas. N. 5, 2010, p. 17 – 44.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres Negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização. Estudos Feministas, Florianópolis, 16(3): 424, setembro-dezembro/2008.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. O movimento homossexual e sua luta simbólica no Brasil: uma visão panorâmica. In: MOREIRA, Adailson, BEZERRA, Carlos Eduardo, SILVA, Telma Maciel da. Arco-íris revisitado: diversidade sexual em pauta. Porto Alegre: Escândalo, 2012.

ROMIO, Jackeline Aparecida Ferreira. A vitimização de mulheres por agressão física, segundo raça/cor no Brasil. In: Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil / organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes... [et al.].- Brasília: Ipea, 2013.160p.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. Mulher Negra, Homem Branco. São Paulo: Pallas, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa & CHAUI, Marilena. Direitos Humanos, democracia e desenvolvimento. São Paulo: Cortez, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, Joselina da & PEREIRA, Amauri Mendes (Org.). O Movimento de Mulheres Negras: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil. Belo Horizonte: Nandyala, 2014. 224p.

SUÁREZ, Mireya. Desconstrução das Categorias “Mulher” e “Negro”. Brasília, Série Antropologia, nº 133, 1992. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie133empdf.pdf>

THERBORN, Göran. Os campos de extermínio da desigualdade. Trad. Fernando Rugitsky. In: Novos Estudos, 87. Julho/2010.

Nome: Relações étnico-raciais e movimentos sociais

Créditos: 4

Área de Concentração: Antropologia

Obrigatória: não

Ementa: Debate teórico e político que envolve as organizações do movimento negro em contextos diaspóricos. Interrelações temáticas entre “Raça” cidadania, lutas sociais, direitos humanos e justiça. Processo histórico e cultural nas relações étnico-raciais no nordeste brasileiro. O caso cearense e a invisibilidade negra. A Bahia e afrobrasilidade.

Bibliografia:

ALBERTI, Verena & PEREIRA, Amilcar Araújo. Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas/Pallas, 2007.

BEZERRA, Débora Andrade P. No Ceará tem Negros e Negras, sim. Revista da ABPN. V. 2, n. 5. Jul.- Out. 2011, p. 75-98.

CARDOSO, Marcos. O Movimento Negro. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002.

D’ADESKY, Jacques. Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

HANCHARD, Michael George. Orfeu eo poder: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988). Eduerj, 2001.

HOFBAUER, Andreas. Uma história de branqueamento ou o negro em questão. São Paulo: Edunesp, 2006.

NASCIMENTO, Abdias; NASCIMENTO, Elisa Larkin. Reflexões sobre o movimento negro no Brasil, 1938-1997. GUIMARÃES, AS; HUNTLEY, L.(orgs.), 2000.

FERNANDES, F. Significado do protesto negro. São Paulo, Cortez, 1989.

FONSECA, Dagoberto. Políticas Públicas e Ações Afirmativas. São Paulo, Selo Negro Edições, Coleção Consciência Negra em Debate, 2011.

FREYRE, G. Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro: alguns apontamentos históricos. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07>

GOHN, Maria Glória (org.). Movimentos Sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

HOLANDA, Cristina Rodrigues (Org.). Negros no Ceará: história, memória e etnicidade. Fortaleza, Museu do Ceará/Secult/Imopec, 2009.

LANDES, Ruth. A Cidade das Mulheres. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

MILES, Tshombe L. A Luta Contra a Escravidão e o Racismo no Ceará; Tradução: Denise Costa, Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2011.

MINTZ, Sidney W. e PRICE, Richard. O nascimento da cultura afro-americana. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Pallas: Universidade Cândido Mendes, 2003.

- MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. São Paulo: FFLCH/USP, 1997 (Tese de livre-docência).
- NOGUEIRA, Oracy (1998). Preconceito de Marca: as relações raciais em Itapetininga. São Paulo, EDUSP.
- POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART (Orgs.), Teorias da Etnicidade. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- PIERSON, D. Brancos e Pretos na Bahia: estudo de contato racial. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1945.
- RATTS, Alex. Fronteiras Invisíveis: territórios negros e indígenas no Ceará. Dissertação de Mestrado e Geografia São Paulo: FFLCH-USP, 1996
- SANTOS, Edmar F. Memória e História Afro-Brasileira: Experiências Preservadas, Recriadas e Contadas pelo Povo-de-Santo na Bahia. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (org.). Memória, Auto(biografia) e Diversidade: questões de método e trabalho docente. Salvador: EDUFBA, 2011.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Pela Mão de Alice: o Social e o Político na Pós-Modernidade. SP: Cortez
- SANTOS, Ivair Augusto Alves. O Movimento Negro e o Estado (1983-1987): o caso do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra no Governo de São Paulo. São Paulo: prefeitura Municipal, 2001
- SOVIK, Liv. Aqui Ninguém é Branco. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009

Nome: Povos Tradicionais, Territórios e Estados Créditos:4

Área de Concentração: Antropologia

Obrigatória: não

Ementa: Debates teóricos e políticos, acerca da emergência de territórios étnicos e/ou tradicionais no Brasil, nominados como Quilombos e territórios indígenas, com ênfase para o Nordeste do Brasil e Ceará. Marcadores étnicos e contato interétnico. Processos de formação de Estado no contato com populações etnicamente diferenciadas, no Brasil e em contextos africanos.

Bibliografia:

- ALEGRE, M. Sylvia Porto. Cultura e História: sobre o desaparecimento dos povos indígenas. Revista de Ciências Sociais (Fortaleza), v. 23/24, p. 82-98, 1993.
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Quilombos: geografia africana, cartografia étnica, territórios tradicionais. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2009.
- ARRUTI, José Mauricio. 2008. Quilombos. In: Raça – Novas Perspectivas Antropológicas, edited by Osmundo Pinho; Lívio Sansone. e ed 1. Vol. 1. Salvador: EDUFBA.
- ARRUTI, José Mauricio. A emergência dos remanescentes: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. Mana (Rio de Janeiro), v.3, 7-38, 1997. ARRUTI, José Maurício. Mocambo: antropologia e história no processo de formação quilombola. Bauru: Edusc, 2006. 370pp.
- BALIBAR, Etienne & WALLERSTEIN, Immanuel. 1991. Race, Nation, Class. Ambiguous Identities. London, Verso. Parte II, Cap. 4 e 5.
- BARRETTO FILHO, Henyo Trindade. Tapebas, Tapebanos e pernas-de-pau de Caucaia, Ceará: da etnogênese como processo social e luta simbólica. Serie Antropologia. Brasília: UNB, 1994.
- BARTH, Fredrik. Los grupos étnicos y sus fronteras, la organización social de las diferencias culturales. México, Fondo de Cultura Economica, 1969.
- BARTH, Fredrik. Balinese worlds. Chicago, The University of Chicago Press, pp. 337-354 (Opcional: pp. 3-25), 1993.

- BARTH, Fredrik. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro, Contra capa Livraria, 2000.
- BENSA, Alban. Etnografia e globalização: os kanak da Nova Caledônia. In Saberes locais, experiências transnacionais: interfaces do fazer antropológico. Fortaleza: ABA Publicações, 2014.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Antropologia do Brasil - mito, história, etnicidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, 2ª edição (1ª edição 1986).
- _____. Manuela (org.) História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura/Fapesp, 1992.
- Boaventura. Os Quilombos no Brasil: Questões Conceituais e Normativas. Florianópolis, NUER/UFSC Etnográfica, Vol. IV (2), 2000, pp. 333-354
- ELIAS, Norbert. 2006[1972] Processos de formação do Estado e construção da Nação. Escritos & ensaios 1: Estado, processo, opinião pública. (Org. F. Neiburg e L. Waizbort), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Eds.
- LIMA, Antônio Carlos de Souza. Um grande cerco de paz: poder tutelar, indianidade e formação do estado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FERGUSON, James. 1999. Putting Social Change in its Place: Anthropology's Cooperbelt and the Limits of Liberalism. Expectations of modernity: myths and meanings of urban life on the Zambian Copperbelt. Berkeley: University of California Press. Pp. 24-37 (Notas: 272- 274).
- FOUCAULT, Michel. 1979 – A governamentalidade. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Graal, pp.277-293.
- MAMDANI, Mahmood. 2001. Beyond Settler and Native as Political Identities: Overcoming the Political Legacy of Colonialism. Comparative Studies in Society and History 43(4): 651–64.
- MAUSS, Marcel. 1969. La Nation. In: Oeuvres, v.3. Paris, Minuit.
- MUNANGA, Kabengele. Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos. MUNANGA, Kabengele, GOMES, Nilma Lino. São Paulo. Global: Ação Educativa, Assessoria, Pesquisa e Informação. (Coleção Viver, Aprender), 2004.
- MURA, Claudia. Todo mistério tem dono?: ritual, política e tradição de conhecimento entre os Pankararu. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- NGOENHA, Severino. 1999. Os missionários suíços frente ao nacionalismo moçambicano. Entre a tsonagnidade e moçambicanidade. Lusotopie, p. 425-436.
- OLIVEIRA, João Pacheco, Uma etnologia dos 'índios misturados'? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. Revista Mana - estudos de Antropologia Social. Rio de Janeiro, nº 1, abril, vol.4, 1998.
- OLIVEIRA, João Pacheco (org). A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2011.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade, etnia e estrutura social. São Paulo: Pioneira, 1976.
- _____. Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo/Brasília: Unesp/ Paralelo 15. 2006.
- PALITOT, Estêvão Martins (Org.). Na Mata do Sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará. Fortaleza: Museu do Ceará/Secult (Coleção Outras Histórias, vol.63), 2009.
- RATTS, Alex. Traços étnicos: espacialidades e culturas negras e indígenas. Fortaleza: Museu do Ceará: Secult, 2009.

RENAN, Ernest. 1990. What is a Nation? In: Bhabha, H.K. (ed.) Nation and Narration. London, Routledge.

ROLNIK, Raquel. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras: etnicidade, e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. In: SANTOS, Renato Emerson dos (Org.). Diversidade, espaço e relações étnicoraciais: o negro na geografia do Brasil. Belo Horizonte, Autêntica, 2007, p. 75-90.

Prêmio ABA/MDA Territórios Quilombolas/Associação Brasileira de Antropologia. Organizador – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2006.

SCOTT, James C. Seeing like a state. How certain schemes to improve the human condition have failed. New Haven and London: Yale University Press.

SILVA, Isabelle Braz P. da. Vilas de índios no Ceará Grande: dinâmicas locais sob o Diretório Pombalino. Campinas: Pontes editores, 2006.

SILVA, Isabelle Braz Peixoto da et alli (Org.) Direitos Humanos e a questão indígena no Ceará. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2009.

SOUZA LIMA, Antonio Carlos de. 2005. Os relatórios antropológicos de identificação de terras indígenas da Fundação Nacional do Índio: notas para o estudo da relação entre antropologia e indigenismo no Brasil, 1968–1985. In: Antonio Carlos de Souza Lima & Henyo Trindade Barreto Filho (orgs). Antropologia e identificação: os antropólogos e a definição de terras no Brasil, 1977–2002. Rio de Janeiro: ContraCapa/FAPERJ/CNPq/LACED/IEB. pp. 75-118.

SOUZA LIMA, Antonio Carlos de. 2012. Dossiê Fazendo Estado - O Estudo das ações governamentais como parte dos processos de formação estatal. Revista de Antropologia, 55(2):559-564

TROUILLOT, Michel-Rolph. 1995. Silencing the Past: Power and the Production of History. Boston: Beacon Press.

TILLY, Charles. 1975 The formation of National States in Western Europe. Princeton, Princeton University Press.

Nome: Conhecimento, Poder e Epistemologias do Sul

Créditos:4

Área de Concentração: Antropologia

Obrigatória: não

Ementa: Aspectos da violência colonial, sobretudo em suas dimensões epistêmicas e cognitivas. Referência analítica às propostas teórico-metodológicas sinalizadas pelos estudos sobre decolonialidade e as premissas de Boaventura de Sousa Santos acerca das Epistemologias do Sul. Diálogos com o monologismo eurocentrado em prol da compreensão das múltiplas raízes da desigualdade.

Bibliografia:

ABÈLÈS, Marc. 2008. “Michel Foucault, l’anthropologia e la question du pouvoir”, L’Homme, Paris, CNRS, n. 187-188, juil-déc, p. 105-122.

AMIN, Samir. El Eurocentrismo: crítica de una ideologia. México: Siglo

APPIAH, K. Anthony Appiah & GUTMANN, Amy. Color Conscious: The Political Morality of Race. ED. Princeton University, 1998.

ASAD, Talal. 1973 Anthropology and the colonial encounter. New York: Humanities Press.

ASAD, Talal Afterword: From the history of colonial anthropology to the Anthropology of Western Hegemony. In Colonial Situations: Essays on the contextualization of ethnographic knowledge. G. W. BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

- CANCLINI, Néstor Garcia. Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- COMAROFF, Jean e COMAROFF, John. Naturalizando a nação: estrangeiros, apocalipse e o Estado pós-colonial. Horizontes Antropológicos, vol. 7, n. 15, 2001.
- DUSSEL, Enrique. 1492 – O encobrimento do Outro – A origem do mito da modernidade. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1993.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira . Salvador: EDUFBA, 2008.
- FOUCAULT, Michel. 2010. Ciência e saber. In: _____.Arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 201-222.
- GILROY, Paul. True Humanism? Civilisationism, Securitocracy and Racial Resignation. Disponível em: http://jwtc.org.za/resources/docs/Salon-1-pdfs/Gilroy_TrueHumanism_.pdf. Acesso em: 27 fev. 2015.
- GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos. Currículo sem Fronteiras, v. 12, n.1, p. 98-109, 2012. GOODY, Jack. 2008. O roubo da história. Como os europeus se apropriaram das idéias e invenções do Oriente. São Paulo: Contexto. (Terceira parte).
- GROSFUGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, Março 2008: 115-147
- FABIAN, Johannes 1983. Time and the Other. How Anthropology Makes its Object. New York: Columbia University Press. Cap. 3, "Time and Writing about the Other", pp. 71-104, notas pp. 175-178
- JABARDO, Mercedes. (org). Feminismos Negros: una antología. Madrid: Proyecto Editorial Traficantes de Sueños, 27-56, 2012.
- MARTINS, Catarina. "La Noire de..." tem nome e tem voz. A narrativa de mulheres africanas anglófonas e francófonas para lá da Mãe África, dos nacionalismos anti-coloniais e de outras ocupações.", E-Cadernos CES Outras Áfricas – heterogeneidades, (des)continuidades, expressões locais, 12/2011, 119-144.
- MENESES, Maria Paula. Epistemologias do Sul, Revista Crítica de Ciências Sociais, 80 | 2008, 5-10.
- MIGNOLO, Walter. Desobediência Epistémica: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires – Argentina: Ediciones Del Signo, 2010.
- MBEMBE, Achille. As formas Africanas de Auto-Inscrição. Estudos Afro-Asiáticos, ano 23, no. 1, 2001, pp 171-209
- MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra. Belo Horizonte: Autentica, 2004.
- NADER, L. 1972 – Up the anthropologist: perspectives gained from studying up. In: HYMES, D., ed. – Reinventing anthropology. New York, Random House.
- PACHECO DE OLIVEIRA, João. 2004 – Pluralizando tradições etnográficas: sobre um certo mal-estar na antropologia. In: LANGDON, Esther Jean & GARNELO, Luiza (org). Saúde dos povos indígenas: reflexões sobre uma antropologia participativa. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, pp. 32.
- SAID, Edward W. Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente. 1ª edição. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1996.

SAID, Edward W. 2003 – A representação do colonizado. Os interlocutores da Antropologia. In: Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, p.114-136.

SANTOS, Boaventura de Sousa Santos; MENESES, Maria Paula (org). Epistemologias do Sul. Coimbra-Portugal: Edições Almedina, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Descolonizar el saber, reinventar el poder. Montevideo, Uruguay. Ed. Trilce, 2010.

_____. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. Revista Crítica de Ciências Sociais, v. 63, p. 237-280, 2002.

_____. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. Os modos de produção do poder, do direito e do senso comum. In. A Crítica da Razão Indolente: Contra o Desperdício da Experiência. Porto: Afrontamento, 2000.

_____. Crítica da Razão Indolente: Contra o desperdício da experiência. Volume 1. São Paulo, Cortês, 2002

_____. Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos. São Paulo, Cortez, 2003.

_____. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: Revista Crítica de Ciências Sociais, 78, 2007: 3-46

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. (2010). Pode o Subalterno Falar? Belo Horizonte: Editora UFMG.

Nome: Estados Nacionais e Cooperação Internacional Créditos: 4

Área de Concentração: Antropologia

Obrigatória: não

Ementa: Debate sobre os conceitos de Estado e Nação a partir de uma chave de leitura antropológica. Articulação para diferentes enquadramentos teóricos sobre os processos de formação de Estado e desdobramentos para a cooperação internacional. Reflexão sobre os modelos de atuação de coletivos estatais, nacionais e coloniais. Rupturas e continuidades dos processos de centralização de poder em diferentes contextos mundiais.

Bibliografia:

ABRAMS, P. 1988 – Notes on the difficulty of studying the state, *Journal of Historical Sociology*, 1(1)58-89.

ANDERSON, Benedict. 1983. *Imagined Communities*. London, Verso. Introdução. ASAD, Talal. 1973. (ed.). *Anthropology & the colonial encounter*. New York: Humanities Press.

BALIBAR, Etienne & WALLERSTEIN, Immanuel. 1991. *Race, Nation, Class. Ambiguous Identities*. London, Verso. Parte II, Cap. 4 e 5.

BARNES, J.A. 1968. Networks and political process. In: Swartz, M. et alii. eds. *Local level politics*. Chicago, Aldine, 107-130.

BARROSO, Maria Macedo. 2015. Lógicas de espacialização missionária e agendas da cooperação internacional: uma perspectiva multissituada a partir de ações junto aos povos indígenas. *Religião e Sociedade*, 35(2): 189-212, 2015

BARTH, Fredrik. 1993 *Balinese worlds*. Chicago, The University of Chicago Press, pp. 337-354 (Opcional: pp. 3-25).

BOURDIEU, Pierre. 1994 - Esprits d'État. Genése et structure du champ bureaucratique. In _____. *Raisons pratiques. Sur la théorie de l'action*. Paris, Seuil, pp.99-146.

CESARINO, Leticia. 2014. Antropologia multissituada e a questão da escala: reflexões com base no estudo da cooperação sul-sul brasileira. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 41, p. 19-50.

COMAROFF, Jean and John. 2003. Ethnography on an awkward scale: Postcolonial anthropology and the violence of Abstraction. *Ethnography* 4(2): 147-179.

- COOPER, Frederick e PACKARD, Randall. (ed). 1997. International development and the social sciences. Berkeley: University of California Press. p.vii-ix e 1-4
- DA MATTA, Roberto. 1979. Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- DURKHEIM, Emille. 1983 - Lições de sociologia. São Paulo, T. A. Queiroz/EdUSP, pp. 39-98.
- ELIAS, Norbert. 2006[1972] Processos de formação do Estado e construção da Nação Escritos & ensaios 1: Estado, processo, opinião pública. (Org. F.Neiburg e L.Waizbord), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Eds.
- FERGUSON, James. 1999. Putting Social Change in its Place: Anthropology's Cooperbelt and the Limits of Liberalism. Expectations of modernity: myths and meanings of urban life on the Zambian Copperbelt. Berkeley: University of California Press. Pp. 24-37 (Notas: 272-274).
- FOUCAULT, Michel. 1979 – A governamentalidade. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Graal, pp.277-293.
- HURBON Laënnec. 1987. Comprendre Haïti: essai sur l'Etat, la nature, la culture. Paris, Karthala.
- MAMDANI, Mahmood. 2001. Beyond Settler and Native as Political Identities: Overcoming the Political Legacy of Colonialism. Comparative Studies in Society and History 43(4): 651–64.
- MAUSS, Marcel. 1969. "La Nation". In: Oeuvres, v.3. Paris, Minuit.
- NGOENHA, Severino . 1999. Os missionários suíços frente ao nacionalismo moçambicano. Entre a tsonagnidade e moçambicanidade. Lusotopie, p. 425-436.
- NZONGOLA-NTALAJA, G. 2007. The Politics of Citizenship in the Democratic Republic of Congo. In: Making Nations, Creating Strangers: States and Citizenship in Africa, edited by Sarah Rich Dorman et al, 69-80.
- RENAN, Ernest. 1990. What is a Nation? In: Bhabha, H.K. (ed.) Nation and Narration. London, Routledge.
- SCOTT, James C. Seeing like a state. How certain schemes to improve the human condition have failed. New Havwen and London: Yale University Press.
- SOUZA LIMA, Antonio Carlos de. 2012. Dossiê Fazendo Estado - O Estudo das ações governamentais como parte dos processos de formação estatal". Revista de Antropologia, 55(2):559-564
- STOLER, Ann Laura & Cooper, Frederick, Eds. (1998). Tensions of Empire: colonial cultures in a bourgeois world. Berkeley, University of California Press.
- TAUSSIG, Michael. 1987. Shamanism, colonialism, and the wild man. Chigago: University of Chicago Press.
- TROUILLOT, Michel-Rolph. 1995. Silencing the Past: Power and the Production of History. Boston: Beacon Press.
- TILLY, Charles. 1975 The formation of National States in Western Europe. Princeton, Princeton University Press.

13. Infraestrutura

Nas linhas abaixo, descreve-se a infraestrutura disponível para o mestrado nas duas universidades.

O PPGA UFC-UNILAB, vinculado ao departamento de Ciências Sociais, na UFC, e ao Instituto de Humanidades, na UNILAB, possui infraestrutura para atendimento administrativo a alunos e professores (secretaria), aulas e eventos nas duas universidades

Na UFC, o Programa está instalado em prédio de três níveis, sendo que os 1º e 2º andares abrigam: 04 salas de aula para a Pós-Graduação, laboratório de informática, secretarias de graduação e pós-graduação, Biblioteca Setorial, gabinetes dos docentes, auditório, sala de vídeo e sala de reuniões do departamento. Das salas para a Pós-Graduação duas foram recentemente incorporadas ao departamento de Ciências Sociais e estão reservadas para o PPGA UFC-UNILAB.

Na UNILAB, o Programa está instalado no Campus das Auroras e conta com uma sala para a coordenação compartilhada com a sala para a secretaria e uma sala de aula dedicada ao curso.

Salas de aula e Secretaria (UFC)

O Programa dispõe de 02 (duas) salas de aula climatizadas, com mesa e carteiras, que receberam uma série de melhorias de infraestrutura recentemente. O Auditório Luiz de Gonzaga, reformado há poucos anos, tem excelentes instalações técnicas, com modernos equipamentos visuais e capacidade para 150 (cento e cinquenta) pessoas, além de um mini-auditório com capacidade para 50 (cinquenta) pessoas com equipamentos completos de audiovisual para a realização de projeção de imagens e videoconferências. O espaço do departamento de Ciências Sociais abriga também uma ampla sala de leitura, na qual também funciona uma biblioteca bastante qualificada, com rede wireless e instalações propícias para o estudo e a pesquisa.

Os serviços de secretaria na UFC são realizados por servidor efetivo ligado ao PPGA. A sala no qual o programa está instalado está equipada com mesas, cadeiras e armários. A sala de leitura, onde se encontra acervo de revistas e livros especializados na área de ciências sociais, teses, dissertações e monografias defendidas no departamento, além de relatórios de pesquisa, é equipada com mesas e cadeiras, sendo todo o arquivo disponível para consulta local. Além do material disponível na sala de leitura, grande e variado acervo é encontrado, também, nos laboratórios.

Salas de aula e Secretaria (UNILAB)

Conforme observado, na UNILAB o PPGA está instalado no Campus das Auroras, em sala próxima aos demais mestrados em funcionamento. Possui um sala onde estão instaladas a coordenação geral e a secretaria. A mesma conta com toda a infraestrutura para atender ao público, como duas estações de trabalho com computadores modernos, impressora, scanner e aparelho de ar condicionado. Também está disponível uma sala de aula dedicada ao PPGA. Digno de nota é que todas as salas do edifício são equipadas com ar-condicionado, computadores, projetores e material de consumo para o desenvolvimento das atividades administrativas do Instituto de Humanidades. Ainda no Campus das Auroras, estão disponíveis as seguintes estruturas de uso coletivo: biblioteca, sala de estudos dedicada aos estudantes da pós-graduação, salas de orientação, laboratório de informática e dois auditórios.

Cada um dos auditórios possui capacidade para 80 pessoas. Ressalte-se que o Campus das Auroras será vizinho da Moradia Estudantil, cujas obras ainda estão em finalização.

13.1 Recursos de informática e sistema de gestão do curso

No que concerne ao sistema de gestão do curso, deve-se observar que tanto a UNILAB como a UFC estão integradas ao Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA). O referido sistema permite aos coordenadores e aos professores o controle da vida acadêmica por meio do software de gestão.

No que tange aos recursos de informática, na UFC existe um laboratório de Informática (Departamento de Ciências Sociais) no prédio onde se situam as instalações do Mestrado em Antropologia (secretaria e salas de aula), com disponibilidade de 9 (nove) computadores. A secretaria, por seu turno, também dispõe de computador e impressora. O mesmo se repete na secretaria da UNILAB, onde estão disponíveis dois computadores completos e uma impressora multifuncional.

No Campus das Auroras, onde a secretaria da UNILAB está instalada, dispomos de um laboratório de informática e de uma sala dedicada aos alunos de pós-graduação.

A infraestrutura de Tecnologia da Informação (TI) da UNILAB é composta por equipamentos que visam atender à alta capacidade de processamento de dados e de comunicações a distância, critério estabelecido dada a concepção com base na qual foi criada a instituição. Todo o campus está coberto com rede sem fio e as salas de aula são equipadas com datashow.

13.2 Laboratórios

Entre os laboratórios em funcionamento na UFC e na UNILAB, onze estão vinculados ao PPGA UFC/UNILAB.

I) O Laboratório de Estudos da Cidade (LEC)

Criado em dezembro de 2002, o LEC tem caráter interdisciplinar e interinstitucional. Em seus distintos grupos de pesquisa, reúne pesquisadores das áreas de sociologia, antropologia, arquitetura, urbanismo, planejamento urbano e direito urbanístico. Tem como objetivos produzir e divulgar o conhecimento sobre a cidade e as políticas urbanas, a partir da realização de pesquisas, do intercâmbio com outros grupos e da participação em fóruns acadêmicos. Abriga pesquisas sobre grandes projetos de requalificação urbana e as práticas dos diversos atores que produzem e se apropriam dos espaços urbanos, incluindo agentes estatais e empresariais, ONGs, movimentos sociais e os moradores, especialmente os grupos excluídos ou marginalizados. Outra linha de pesquisa é Cidade, Habitação e Meio Ambiente, cujos eixos temáticos são: meio ambiente urbano como objeto de pesquisa; a propriedade fundiária urbana, a questão habitacional e os conflitos socioambientais. Uma terceira linha de pesquisa foi acrescentada recentemente: Turismo, meio ambiente e grandes projetos urbanos. **Coordenação:** Profa. Lea Carvalho Rodrigues.

II) O Grupo de Estudos e Pesquisas Étnicas (GEPE)

O GEPE foi criado e cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq em 2005. É um grupo de pesquisa interdisciplinar e interinstitucional, que tem como objetivo desenvolver o campo de estudos e pesquisas referentes a grupos etnicamente diferenciados, em especial os povos indígenas no Ceará. Ao mesmo tempo, procura dar visibilidade à presença destes grupos no contexto da sociedade, ambiente este marcado por severas discriminações e negação da identidade desta fração social. Desenvolve atividades estritamente acadêmicas, como grupo de estudo e seminários de pesquisa; e também desempenha significativa interlocução no campo indigenista estadual, com participação em eventos e atividades extra-acadêmicas. **Coordenação:** Profa. Isabelle Braz Peixoto da Silva; Prof. Martinho Tota Filho Rocha de Araújo; Prof. Kleyton Rattes.

III) Laboratório de estudos sobre marcadores sociais da diferença (LAMAS)

As ações do LAMAS concentram-se no combate à violência contra minorias sexuais e étnico-raciais, o enfrentamento das intolerâncias religiosas e a promoção das artes e da cultura como forma de transformação da sociedade. **Coordenação:** Prof. Marcelo Tavares Natividade

IV) Laboratório de Antropologia e Imagem - LAI/UFC.

O LAI em o objetivo de desenvolver estudos sobre a imagem como linguagem de expressão do conhecimento antropológico. **Coordenação:** Prof. Antonio George Lopes Paulino.

-Laboratórios – UNILAB

I) O Centro interdisciplinar de estudos de gênero – CIEG Dandara

O CIEG Dandara tem por objetivo dedicar-se aos estudos das relações de gênero, sexualidades em interface com as relações étnico-raciais, no que tange à construção das subjetividades, das identidades, das memórias, das produções literárias, dos processos formativos, das práticas socioculturais e sociodiscursivas acerca das “feminilidades” e “masculinidades”. Também pretende investigar como essas construções se apresentam nas políticas públicas nacionais e internacionais contextualizadas nos países de expressões em língua portuguesa, em consonância com a atuação e diretrizes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). **Coordenação:** Profa. Violeta Maria de Siqueira Holanda.

II) Grupo de pesquisa Políticas públicas, diversidade cultural e inclusão social

O grupo “agrega pesquisadores da UNILAB e de outras instituições interessados em estudos sobre Sociedade e Desenvolvimento que focalizem o papel dos agentes públicos no desenvolvimento local numa perspectiva de inclusão social e de cooperação solidária, em sintonia com a missão da UNILAB. As pesquisas se desenvolvem na área de políticas públicas e de saberes e culturas. Agrega professores de diferentes áreas do conhecimento, em particular dos seguintes cursos ofertados pela instituição: Enfermagem, Agronomia, Administração Pública, Letras & Humanidades. **Coordenação:** Luís Tomás Domingos.

III) Grupo Oritá - Espaços, Identidades e Memórias

O presente grupo consolidou-se a partir da união de pesquisadores da UNILAB com o objetivo de investigar processos e dinâmicas relacionados aos espaços, às identidades e às memórias. A atuação dos docentes no grupo se faz por meio da orientação de projetos de iniciação científica, projetos de extensão e de trabalhos de conclusão de curso. A linha de pesquisa Identidades e Políticas Públicas propõe, na interface das relações entre Estado e sociedade, produzir estudos voltados para os processos que envolvem pleitos por reconhecimento identitário, direitos e a adoção de políticas públicas direcionadas a determinados segmentos sociais. A produção intelectual abarca as discussões teóricas sobre cidadania, direitos humanos, diversidade, relações étnico-raciais, desigualdades fundadas em pertencimentos identitários e multiculturalismo. Já a linha “Cidades e Dinâmicas Socioculturais” propõe a investigar as relações dos sujeitos sociais com o espaço urbano, abordar os processos de transformação das cidades e seus efeitos no cotidiano das pessoas e analisar políticas urbanas e as possíveis tensões e/ou conflitos entre a maneira de viver a/na cidade e os projetos de transformação desse espaço. **Coordenação:** Profa. Vera Regina Rodrigues da Silva; Profa. Jacqueline Britto Pólvora.

IV) Grupo Cooperação Internacional e Tradições de conhecimento

O grupo Cooperação Internacional e Tradições de conhecimento agrega pesquisadores da UNILAB, UFRJ, UFF e UECE para examinar as continuidades e rupturas entre situações coloniais e pós-coloniais, a partir de uma perspectiva antropológica aberta a diálogos interdisciplinares, voltada à análise de atividades exercidas sob as rubricas do desenvolvimento e da cooperação internacional, com foco nos debates sobre política, território e cultura. Tem como foco a abertura de espaço para a pesquisa sobre as diferentes tradições de conhecimento – político-administrativas, acadêmicas, religiosas e filantrópicas, entre outras – enfeixadas no universo em foco, entendido como um campo de disputas entre atores políticos localizados em diferentes espaços sociais e geográficos, dentro do qual circulam saberes oriundos de diferentes procedências, gestados em diferentes tempos históricos e organizados em situações sociais específicas. **Coordenação:** Profa. Carla Susana Além Abrantes.

V) Grupo de Estudos com Povos Indígenas

O GEPI agrega pesquisadores/as, professores/as, profissionais, estudantes e instituições que atuam com povos indígenas e demais identidades coletivas em torno dos temas: direito territorial, cartografia social; dinâmicas identitárias; políticas públicas; processos educativos e educação escolar; arte e performance; movimento social; gênero e colonialidade. Dedicase à produção científica preocupada com a des-colonialidade, portanto, articula-se ao pensamento ameríndio, africano e outros subalternizados pela Modernidade/Colonialidade. Desenvolve metodologias interdisciplinares e interseccionais, propõe para o aprimoramento das práticas de ensino, pesquisa e extensão a realização de estudos, seminários, projetos, programas, publicações, cursos, formações e assessorias que contribuam para o fortalecimento da autonomia dos grupos sociais e à formulação, incidência e controle social das políticas públicas com atenção às demandas destas coletividades e à pauta do direito à

diferença. **Coordenação:** Prof. Rhuan Carlos dos Santos Lopes; Prof. Caroline Farias Leal Mendonça.

VI) Núcleo de Antropologias Experimentais

Criado no final de 2020, o Núcleo de Antropologias Experimentais nasce com o intuito de dar lugar à realização pesquisas que façam uso de uma estética do experimental, isto é, aquelas investigações que alimentem um senso permanente de que o conhecimento antropológico deve tentar experimentar com conceitos, “modos de criatividade” e “práticas de conhecimento” produzidas pelo/no e com o trabalho etnográfico. As suas principais áreas de atuação se dão nos campos da teoria antropológica, da antropologia da ciência e da tecnologia, da antropologia do direito e da técnica e da antropologia da política. A partir da convergência/ divergência entre esses campos ou conjuntos de questões/problemáticas por eles impulsionadas, a proposta do Núcleo de Antropologias Experimentais é reunir docentes e discentes, tanto da Unilab como de outras universidades, em torno de um grupo de estudos e de pesquisas. **Coordenação:** Prof. Rafael Antunes Almeida; Professora Andressa Lewandowski.

VII) Grupo de Estudos Africanos e Epistemologias do sul

O grupo de pesquisa Estudos Africanos e Epistemologias do Sul visa o aprofundamento de conhecimentos produzidos desde continente africano e do chamado Sul global não imperial, com intuito de romper com a monocultura do saber eurocêntrica/eurocentrada ainda tão presente na educação e no dia a dia das sociedades contemporâneas. Para isso, o grupo busca analisar como a lógica do capitalismo/colonialismo global perpassa nas sociedades periféricas, se utilizando de perspectivas interdisciplinares das Epistemologias do Sul com intuito de expor e propor possibilidades contra hegemônicas, experiências e alternativas produzidas desde esse Sul global. **Pesquisadora:** Profa. Denise Ferreira da Costa Cruz

13.3

Bibliotecas UFC

Quanto às bibliotecas, vale destacar que a UFC como um todo dispõe de um acervo de 189.859 títulos distribuídos em 17 bibliotecas setoriais, sendo 8.494 livros eletrônicos. Para entendimento ao nosso PPGA, a Biblioteca de Ciências Humanas (BCH), localizada no Campus do Benfica, possui acervo constituído por livros, periódicos científicos, teses, dissertações, entre outros tipos de documentos, nas áreas de Ciências Humanas, Ciências Sociais e aplicadas, Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Literatura, Língua Portuguesa, Psicologia, e áreas afins.

A universidade possui, ainda, uma biblioteca digital de teses e dissertações, acesso a livros digitais das editoras Atheneu (Ciências da Saúde), Springer (Ciências, Tecnologia e Medicina) e Zahar (Ciências Humanas e Sociais) e aos periódicos da Capes, via acesso interno ou remoto.

Bibliotecas UNILAB

A Unilab dispõe de três bibliotecas setoriais, sendo uma (1) na Unidade Acadêmica de Palmares - CE, uma (1) no Campus das Auroras – CE e uma (1) no Campus dos Malês - BA. As

bibliotecas estão à disposição dos discentes, docentes e técnicos administrativos e disponibilizam em torno de 6.830 títulos, totalizando cerca de 52.189 exemplares. Os espaços de estudo e pesquisa são adequados e contam com uma boa conexão sem fio para acesso à web.

O sistema de bibliotecas da UNILAB tem acesso direto aos portais da Capes, JSTOR e MUSE. O Portal da Capes oferece acesso aos textos completos de artigos de mais de 34.123 periódicos, internacionais e nacionais, e a 135 bases de dados de resumos de documentos em todas as áreas do conhecimento. A base de dados JSTOR, por sua vez, oferece acesso a mais de 35.000 títulos e a 370 bases de dados. O uso dos portais é livre e gratuito para os usuários do programa e o acesso é realizado a partir de qualquer computador ligado à internet localizado dentro da UNILAB ou por pessoas que possuam autorização para acessá-lo de fora (estudantes de pós-graduação, professores e funcionários). Por fim, destacamos que o sistema de bibliotecas da UNILAB, com unidades no Campus dos Palmares, Campus das Auroras e Campus dos Malês, dispõe de excelente acervo no âmbito das Letras e Ciências Humanas, com referências fundamentais aos estudos/pesquisas na área da Antropologia.

14. Acompanhamento dos egressos

Desde 2019, ano da primeira defesa, o programa instaurou um processo interno de acompanhamento dos egressos, em conformidade com os documentos gerais orientadores da CAPES e com a ficha de avaliação da área. Tal procedimento foi colocado em prática ao final do segundo semestre dos anos de 2019 e 2020 observando a seguinte sistemática:

1. Elaboração do formulário de produção do egresso

O documento contém questões relativas à produção intelectual e ao destino dos egressos.

2. Distribuição do formulário via e-mail

3. Registro e análise das respostas recebidas

O acompanhamento dos egressos é realizado pela coordenação Geral do Programa, que produz uma avaliação da relação entre a qualidade da formação e os destinos dos antigos estudantes no relatório anual entregue à CAPES. Tal acompanhamento busca coletar informações sobre o destino e a atuação dos mesmos em instituições de ensino, em programas de pós-graduação, no terceiro setor, em órgãos governamentais e no setor privado. Ademais, a comissão de autoavaliação inclui no formulário de autoavaliação discente os egressos, que respondem a perguntas sobre o impacto das disciplinas e da formação em seu futuro profissional e sobre a qualidade geral do curso.

O acompanhamento de egressos é um processo contínuo e o programa se esforça para manter o contato com os seus antigos alunos e para garantir a atualização dos seus endereços de e-mail e números de telefone.

Periodicidade: Conforme observado, as informações sobre os egressos são coletadas anualmente.

Ferramentas de coleta de dados:

O formulário de acompanhamento de egressos conta com os seguintes campos:

- *Nome:
- *E-mail:
- * Destino profissional ou acadêmico após a defesa da dissertação
- * Artigos publicados em periódicos
- * Apresentações de trabalhos
- * Livros e Capítulos de livros
- * Artigo publicado em jornal ou revista
- * Organização de evento
- * Trabalhos publicados em anais
- * Cursos de curta duração organizados ou ministrados
- * Informações completas sobre as suas produções técnicas.
- * Informações sobre a sua produção audiovisual

Processo de análise das informações sobre os egressos: Após o recebimento dos dados, são geradas informações quantitativas sobre os locais de atuação dos egressos e sobre a sua produção. O texto descritivo é apresentado em relatório à CAPES e transmitido à comissão de autoavaliação.

15. Autoavaliação

Atendendo aos parâmetros definidos nos GTs de autoavaliação e ao documento de área, o programa possui uma comissão permanente para realizar o levantamento de dados do curso e a sua autoavaliação. A comissão é formada por docentes da UNILAB e da UFC e conta com três membros.

O processo de autoavaliação leva em conta a percepção docente e discente sobre o processo formativo, sobre as relações de orientação, sobre o trabalho das coordenações e das secretarias acadêmicas. Ademais, a autoavaliação contempla a qualidade da produção técnica, bibliográfica e artística e, em seu relatório anual, indica ações para melhorar a qualidade do Programa. Os apontamentos da comissão de autoavaliação servem de base para o planejamento estratégico do curso.

Concepção de autoavaliação que orienta o PPGA UFC/UNILAB

O Programa entende que a autoavaliação, esse olhar sobre si mesmo, diferentemente do processo Pós-facto adotado pela Capes (vide Doc. GT/Capes) no seu sistema corrente de avaliação externa, deve ser idealizado a partir de uma visão processual e contínua de avaliação, como indicado pela própria comissão que formou o GT/Capes. Deve ser, ademais, um processo participativo que envolva docentes, discentes e técnicos administrativos. Além do mais, partilhamos a ideia que na autoavaliação o processo seja entendido não como julgamento ou apenas medida, mas sobretudo pela compreensão do andamento do curso, das mudanças que vão se produzindo ao longo do tempo, dos problemas que vão sendo encontrados à medida que instrumentos de monitoramento são empregados. Entendemos, por fim, que a autoavaliação deve produzir resultados que orientem a formulação do Planejamento Estratégico do Programa como proposto na Ficha de Avaliação da área.

Periodicidade da produção do relatório final de autoavaliação: Anual

Sistemática de autoavaliação adotada:

- i) Aplicação de questionários ao final de cada semestre para avaliação do conteúdo das disciplinas, das metodologias de ensino e da participação discente e docente no processo de aprendizado.
- ii) Construção de uma Planilha de acompanhamento (monitoramento) dos discentes por turma de ingresso. Este instrumento permite verificar possíveis falhas no processo seletivo, aferir razões para atrasos em qualificações e defesas de dissertação, confrontar dados dos discentes e docentes, cotejar projetos de docentes e as dissertações dos seus orientandos, participação nos grupos de pesquisa, contribuições da dissertação produzida e efetividade das ações de inclusão social.
- iii) Análise da produção intelectual do programa, a partir dos relatórios anuais disponibilizados pelos integrantes do curso.
- iv) Compartilhamento dos dados obtidos com o corpo docente, discente e com os técnicos administrativos/colaboradores.

16. Planejamento estratégico

Instrumentos institucionais de planejamento

A cada ano, o programa produz um documento intitulado “Plano de ações estratégicas”. Os textos produzidos visam ajustar os planejamos à realidade do mestrado e também cumprir aquilo que prevê a agência estadual de fomento estadual no processo de candidatura para bolsas institucionais e as orientações da CAPES sobre o estabelecimento de metas futuras.

Os documentos produzidos pelo programa listam ações estratégicas em diferentes âmbitos, conforme a situação anual do curso. Entre os tópicos que integram o documento de planejamento estratégico do curso estão: a política para a captação de bolsas; as estratégias para o incremento da produção científica em termos quantitativos e qualitativos; as estratégias para o fomento à internacionalização; para a promoção de eventos; para o monitoramento dos processos de credenciamento, descredenciamento e reconhecimentos; as ações para garantir a inserção do curso na região onde está instalado.

Como item obrigatório da ficha da área de antropologia, o programa faz o levantamento dos seus pontos fracos, pontos fortes, procedimentos para superar os pontos fracos e manter os pontos fortes, além das metas para o futuro.

Relação entre o planejamento estratégico e o processo de autoavaliação do curso

O processo de autoavaliação orienta a montagem do planejamento estratégico do curso. Os pontos frágeis constatados, sejam eles ligados à produção intelectual, ao fluxo dos estudantes, ou a outras questões internas são discutidos no âmbito do colegiado, que orienta as ações estratégicas que devem ser tomadas para a correção dos problemas e estabelece metas para o futuro.

17. Informações adicionais

O projeto político pedagógico aqui apresentado foi elaborado a partir da Proposta do Programa submetido originalmente à CAPES em 2016 , dos relatórios anuais do Coleta CAPES e dos documentos orientadores das universidades onde o PPGA UFC/UNILAB está instalado.

18. Referências consultadas

BRASIL. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Resolução Complementar Consuni nº 3, de 4 de dezembro de 2020, que aprova o texto definitivo do novo Estatuto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Redenção, 4 de dezembro de 2020.

BRASIL.Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/ Universidade Feral do Ceará. Proposta de programa - Mestrado Acadêmico em Antropologia. Fortaleza e Redenção, abril de 2016.